



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

Teodoro Camargo Guimarães

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ACAMPAMENTO CRISTÃO:
O impacto da comunicação interpessoal do conselheiro**

Brasília
2024

Teodoro Camargo Guimarães

**ACAMPAMENTO CRISTÃO:
O impacto da comunicação interpessoal do conselheiro**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em
Comunicação Organizacional, Faculdade de
Comunicação, Universidade de Brasília, como
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Organizacional.

Orientador: Prof. Guilherme Lobão Queiroz

Brasília
2024



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

Teodoro Camargo Guimarães

**“ACAMPAMENTO CRISTÃO”:
O impacto da comunicação interpessoal do conselheiro**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em
Faculdade de , Comunicação Organizacional
como , Universidade de Brasília , Comunicação
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Organizacional
Orientador: Prof. Guilherme Lobão Queiroz

BANCA AVALIADORA

Professor Orientador

Professor Avaliador

Professor Avaliador

*Dedico ao Senhor Jesus e desejo
que seja frutífero para as
próximas gerações de
Equipantes e Chefes de Equipe*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, por ter me criado, agradeço pela sua salvação e por todas as capacidades e habilidades que ele me deu e que permitiram que eu chegasse aqui, a quem também dedico este trabalho porque todas as coisas são dele, são por ele e são para ele, e que a ele seja dada toda a Glória.

Agradeço a minha família, que sempre me motivou e apoiou em minha jornada acadêmica. Agradeço a minha mãe, Illa Maria, por todo seu amor, carinho e cuidado, agradeço por todos os seus incentivos e agradeço por sempre me ensinar nos caminhos do Senhor. Agradeço a minha avó Yara por todas as vezes que esteve ao meu lado, por todas as vezes que meu ouviu e aconselhou. Agradeço a minha irmã, Catarina, que sempre opinou e trouxe suas percepções para minha vida.

Agradeço aos meus amigos, Artur Rocha, Mateus Bitar e Natan Martins, que tanto me apoiaram em toda minha vida, agradeço por todas as orações, agradeço por todas as vezes que vocês me aproximaram do Senhor e que discutimos juntos sobre este trabalho, vocês foram essenciais para a conclusão dele.

Agradeço aos amigos queridos que são participantes dos grupos focais, Jordana, Timothy, Samuel, André, Rhafaela, Yasmin, Lucas e Ana Gabriela. Sem vocês essa pesquisa não seria a mesma.

Agradeço ao meu orientador Prof. Guilherme Lobão, que aceitou embarcar nessa jornada comigo para entregarmos o melhor trabalho possível.

Agradeço aos pastores Diego Martins e Tiago Henrique e ao diácono Diogo Leal, que tanto me ensinaram sobre aconselhamento como também sobre acampamentos, agradeço também por todas as oportunidades de trabalho em acampamentos que eles me proporcionaram.

Agradeço ao missionário Saulo Tormena, por todas as vezes que ele me permitiu ser equipante no Palavra da Vida, agradeço por todos os ensinamentos sobre acampamentos, recomendações de livros e puxões de orelha que ele me deu, este trabalho não teria sido feito sem essa ajuda. Agradeço também aos missionários Leonardo Rodriguez, Vinicius Baptista, Arthur da Paz e Júlio Esquivel, que tanto me ensinaram, apoiaram e incentivaram e por todos os acampamentos em que estivemos juntos.

Agradeço a minha querida amiga Adrianh, que tanto cuidou de mim e me ajudou a entender as complexidades e individualidades dos acampamentos, agradeço por todas as conversas, preparações em conjunto e trocas de ideias e informações.

Agradeço a meu amigo Pedro Jersey, que me ajudou a entender a profundidade do que realmente é um programa de acampamento, agradeço também por todas as vezes que me apoiou e que pudemos equipar juntos.

Agradeço ao querido pastor Davi Medeiros, que tanto me ensina, agradeço por ter me dado minha primeira oportunidade de organizar um acampamento, agradeço por todos os livros emprestados, e por todas as vezes que pude aprender com ele.

"É completamente incompreensível para nós como Deus pode revelar-se e, em certa medida, se tornar conhecido em seres criados: eternidade no tempo, imensidão no espaço, infinito em finito, imutabilidade em mudança, sendo tornando-se, o tudo, como era, naquilo que não é nada. Este mistério não pode ser compreendido; só pode ser reconhecido com gratidão."

Herman Bavinck

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender quais são as percepções sobre a dimensão comunicacional na função de conselheiro dentro de um acampamento cristão, a partir da observação participante desses locais pela perspectiva organizacional, observa a forma como a comunicação interpessoal de um conselheiro implica dentro da organização. Contribuindo na melhora da comunicação nas instituições a partir do exemplo dos conselheiros nos acampamentos. Para atingir todos esses objetivos, utilizou-se de três grupos focais, sendo eles compostos por crianças que eram acampantes, por jovens que eram equipantes e por jovens que não possuem essa vivência de acampamentos com conselheiros. Com essa pesquisa, descobriu-se como a presença de um conselheiro é essencial para a manutenção da ordem e principalmente da boa convivência, sendo, então, o conselheiro responsável por manter um ambiente harmonioso e sem relacionamentos tóxicos, de forma que muitas pessoas relatam como a boa comunicação do conselheiro impactou profundamente suas vidas e suas formas de entender as questões que eram discutidas. Essas percepções foram extremamente relevantes, tendo em vista que possuem uma aplicabilidade alta para organizações e em meios eclesiais.

Palavras-chave: Comunicação interpessoal. Conselheiro. Intencionalidade. Acampamento. Grupo focal. Organização. Instituição.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
ACAMPAMENTOS.....	14
1.1. Acampamentos Cristãos.....	14
1.2. Conselheiros	17
1.3. Retiros	21
1.4. Programa	22
2. CONTEXTO HISTÓRICO	25
2.1. Idade Antiga	25
2.2. Contemporaneidade.....	32
2.3. Brasil	40
3. COMUNICAÇÃO	43
3.1. Organizacional	43
3.2. Interpessoal	47
4. ANÁLISE DA PESQUISA.....	52
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	67
GRUPO 1	67
GRUPO 2	70
GRUPO 3	75

INTRODUÇÃO

Acampamentos cristãos são instâncias que possuem características e modelos organizacionais muito úteis nos campos da comunicação e para a nossa sociedade, sendo parte tanto da cultura brasileira quanto da cultura norte-americana há muitos anos. Está pesquisa possui como base tal percepção.

Os acampamentos cristãos possuem uma característica que os difere de acampamentos educativos ou de outros tipos de saídas de campo. Eles têm seu foco principal na comunicação interpessoal de um conselheiro para com um grupo de acampantes¹, que estarão juntos durante todo o período da atividade.

Percebendo a grande relevância dessa comunicação interpessoal, bem como de outras formas de comunicação, como a interna e a externa, e da presença de características organizacionais, observou-se a necessidade de se analisar esses aspectos dos acampamentos de forma mais específica.

É importante ressaltar que acampamentos ocorrem desde o começo da história. Prova disso é a existência é tratada pelo paleoantropólogo Richard Leakey (1995, p. 67), que a maior parte das sociedades de caçadores-coletores, eram formadas por bandos que ocupavam de forma temporária acampamentos temporários.

Temos também o exemplo do povo hebreu que aborda uma questão espiritual para o acampamento como está evidenciado na passagem bíblica que diz: “Porei meu tabernáculo no meio de vós [...]” (Lv. 26,11a). Nessa passagem, o próprio Deus fala com seu povo, afirmando que colocou sua tenda (ou seja, o tabernáculo, conforme a passagem) no meio do acampamento de Israel, demonstrando que acampamentos ocorrem desde o princípio da humanidade.

Antes de prosseguir, é importante que o leitor deste trabalho se apoie no glossário de termos utilizados:

Acampante: é o nome dado às crianças ou aos adolescentes pagantes ou bolsistas que participarão do programa do acampamento;

Equipante: é o nome dado aos voluntários que estarão envolvidos de alguma maneira na realização do programa do acampamento;

¹ Explicação acerca do significado desse termo e de outros utilizados em acampamentos virão mais à frente.

Programa: é o nome dado ao cronograma dos eventos que ocorrerão durante o acampamento, sendo estruturado e pensado para atender ao objetivo principal do acampamento;

Conselheiro: é o nome dado ao equipante que detém a responsabilidade exclusiva de pregar e testemunhar do evangelho de maneira intencional e prática aos acampantes sob sua responsabilidade.

Com essa pesquisa, então, busca-se responder a seguinte pergunta: “Qual é o impacto da comunicação interpessoal dos conselheiros de acampamentos cristãos?”

Por meio desta pergunta e da pesquisa feita utilizando da metodologia de grupo focal, busca-se observar e analisar o impacto que a comunicação interpessoal entre acampantes, equipantes e conselheiros causa na vivência de todos os participantes durante o acampamento. Essa observação foi feita por meio de pesquisas, com a coleta da opinião dos participantes do acampamento, a partir de grupos focais e de percepções feitas pelo próprio pesquisador enquanto vivenciava a rotina de acampamento.

A partir desse objetivo geral, procura-se alcançar os seguintes objetivos específicos: evidenciar a comunicação dentro de ações culturais e institucionais como acampamentos e mostrar a presença significativa que a comunicação possui na nossa sociedade; apresentar a relevância de ações culturais religiosas para o meio acadêmico, demonstrando que, por mais que exista um fator religioso, deveríamos estudar, analisar e aprender com essas ações, que fazem parte da nossa sociedade; aproximar pessoas que possuem interesse nesse tipo de evento cultural e na comunicação como um todo, mas de forma mais específica na comunicação interpessoal; destacar a importância de conselheiros em acampamentos cristãos e de uma comunicação interpessoal eficiente para que os objetivos do acampamento sejam concluídos plenamente; mostrar a importância da comunicação interpessoal dentro das instituições; auxiliar organizadores de acampamentos e pessoas que desejem trabalhar com esse tipo de evento, para que possam utilizar da comunicação interpessoal como um auxílio na operação do evento.

Por essa razão, logo viu-se a necessidade de se atentar e se aprofundar na análise de um dos tipos de comunicação mais importantes dentro das instituições, que é a comunicação interpessoal. Essa necessidade se reflete na ideia de que uma comunicação interpessoal que cumpre seus objetivos é determinante para o sucesso de uma instituição.

Diante dessas duas necessidades, optou-se por realizar a pesquisa no contexto de acampamentos cristãos, porque eles são situações propícias de se observar a importância da comunicação interpessoal e a presença dos eventos culturais religiosos na cultura brasileira.

Também existe uma relevância pessoal. Mediante os vários possíveis motivos para justificar a escolha desse objeto para a análise, é preciso levar em consideração as vivências pessoais do pesquisador, tendo em vista que desde a sua infância participa de acampamentos dos mais diversos tipos. Posteriormente, o pesquisador participou de todas as áreas de um acampamento, sendo acampante, equipante, conselheiro e coordenador de acampamento. Logo, viveu de forma muito intensa o objeto desta pesquisa, sobretudo ao compreender a importância de uma boa comunicação intencional e consciente no âmbito das instituições realizadoras dos acampamentos.

Além disso, outra justificativa é aumentar a quantidade de materiais acessíveis sobre a temática do acampamento cristão, para que esses materiais se tornem mais ricos através desta pesquisa científica, além de auxiliar pessoas que almejam melhorar o trabalho que já fazem com acampamentos e de informar aqueles que não possuem conhecimento nessa área.

Por fim, deve-se considerar a importância da divulgação de tais assuntos por alguns motivos, sendo um dos principais um cuidado para que empresas possam utilizar de técnicas já utilizadas em acampamentos, para aprimorarem sua comunicação e saúde do ambiente, como também colaborar para que mais crianças e adolescentes, principalmente, possam ter suas vidas transformadas, como o pesquisador teve, ao participar de acampamentos.

Mediante os motivos apresentados para a realização dessa pesquisa, é necessário apresentar certas definições sobre a metodologia escolhida. Um dos grandes autores dessa metodologia é David Morgan (1997), que entende a metodologia como uma técnica de pesquisa que possui resultados qualitativos que são coletados por meio de entrevistas grupais. Seguindo esse pensamento e de outros pesquisadores, podemos descrever grupos focais como conversas coletivas e como entrevistas feitas entre um conjunto de pessoas.

Como define a pesquisadora Bernadete Gatti, um grupo focal é “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto da pesquisa, a partir de uma experiência pessoal” (Gatti, 2005, p.7). Podemos perceber que essa metodologia de pesquisa permite que os participantes gerem os dados da pesquisa de forma orgânica e estimulante, tendo em vista que isso ocorre a partir das conversas entre os integrantes do grupo, conforme os autores Stalmeijer, Mcnaughton e Mook (2014).

Uma característica importante para a dinâmica do grupo focal é que ele deve ser formado por até 8 pessoas. Essa quantidade pode variar para menos, de acordo com a quantidade de informações que o entrevistador e pesquisador deseja obter. Nesse contexto, o pesquisador também atua como um moderador da conversa, iniciando a conversa e trazendo questionamentos, mas não podendo em hipótese alguma aplicar suas opiniões pessoais sobre o assunto.

ACAMPAMENTOS

1.1. Acampamentos Cristãos

Acampamento é uma experiência voltada normalmente para crianças, adolescentes e jovens, possuindo uma duração variável, mas que geralmente dura no mínimo 5 dias. É um evento que expõe os acampantes às mais diversas situações, com um mesmo objetivo preestabelecido no momento no qual o acampamento é preparado.

Tendo em mente essa descrição geral de acampamentos, é preciso analisar a diferença entre acampamentos normais e acampamentos cristãos. Os acampamentos cristãos possuem algumas características e necessidades distintas e específicas, segundo os autores Armand e Berverly Ball:

Existe apoio sólido para o princípio fundamental de que o acampamento proporciona uma experiência de convívio em grupo, com líderes treinados para facilitar esta experiência do grupo e em comunidade e aproveitar o ambiente natural para alcançar os objetivos mentais, físicos, sociais e espirituais do patrocinador ou dono do acampamento (BALL, 1979, p.25).

Como foi descrito pelos autores, existem 5 pilares necessários para que um acampamento seja reconhecido como um acampamento cristão, sendo eles: 1- a natureza; 2- a recreação; 3- a convivência; 4- a aprendizagem; e 5- a liderança treinada. Sem a aplicação desses conceitos, será muito difícil reconhecer que um evento é um acampamento. Portanto, é necessário um aprofundamento nesses conceitos para compreender melhor o funcionamento de um acampamento.

1- A natureza: o contato com a natureza está na essência do acampamento desde sua origem e se mantém até hoje, podendo variar desde dormir em barracas ao ar livre, ter jogos ao ar livre ou até mesmo fazer trilhas e caminhadas em meio à natureza; isso tudo trazendo mudanças de ambientes para o acampante, trazendo-o para uma nova e diferente realidade.

Sobre essa relação dos acampantes com a natureza, Armand diz:

Estar ao ar livre é uma das características distintivas da experiência no acampamento e os jovens têm poucas outras oportunidades de aprender sobre o mundo natural e de reconhecer sua responsabilidade como despenseiros dos recursos da natureza (BALL, 1979, p.25).

2- A recreação: é um dos momentos que geralmente mais marca os acampantes, podendo ser atividades tanto competitivas (como esportes e jogos) quanto cooperativas, em que eles necessitam se juntar para poderem resolver alguma problemática; a recreação possui

como objetivo a mudança de rotina daqueles jovens, fazer algo diferente do que eles já fazem em suas casas, escolas e igrejas. Ainda de acordo com Armand:

Diversão. O acampamento precisa ser divertido. Brincar é parte natural da experiência de crescimento das crianças e é uma necessidade permanente dos adultos. A aquisição de habilidades e atitudes lúdicas que podem ser usadas no decorrer da vida é uma experiência muito valiosa (BALL, 1979, p.26).

3- A convivência: nos acampamentos, os participantes necessitam conviver em grupo com outras pessoas, de forma que muitos precisarão dividir quarto com pessoas que nunca viram antes, estarão no mesmo time que outras pessoas e terão que fazer suas refeições em conjunto com outros acampantes. Esses momentos são essenciais para que novos laços sejam formados, para que os acampantes possam aprender com as diferenças e possam juntos aprender a tomar decisões e desenvolver a capacidade de liderança. Ball define como: “Uma Experiência de Convívio em Grupo. A experiência de aprendizado através do convívio em um grupo de colegas proporciona oportunidades para momentos de ensino que dificilmente surgem em outras circunstâncias (BALL, 1979, p.26).”

4- A aprendizagem: os acampamentos vão propor para seus participantes atividades que nunca fizeram antes, buscando desenvolver habilidades que não foram testadas ou vivenciadas ainda, variando de habilidades motoras, em jogos e desafios físicos, até habilidades sociais em que o acampante necessita aprender a lidar com situações de pessoas que agem ou pensam diferente dele e habilidades espirituais ainda não experimentadas.

5- A liderança treinada: esse é possivelmente um dos pilares mais fundamentais e essenciais para o bom funcionamento de um acampamento. São as pessoas capacitadas para guiar os acampantes dentro de toda a experiência do acampamento, ensinar como fazer as coisas certas e como agir bem dentro das demandas preparadas e passadas para eles. A maior parte do que os acampantes vão aprender e aplicar tais ensinamentos em suas vidas vem diretamente da troca de experiência entre a liderança treinada e os acampantes.

Além desses cinco pilares, existem alguns outros elementos básicos para que todo bom acampamento organizado funcione. Por isso, é importante citá-los e identificá-los pois alguns serão citados mais vezes durante a pesquisa. Uma apresentação completa desses elementos está na definição elaborada por Richard G. Kraus:

Existem vários elementos chaves no funcionamento de qualquer acampamento organizado. Estes incluem: (a) a administração; (b) a equipe de programação; (c) a equipe de apoio; (d) os acampantes; (e) as dependências do acampamento; e (f) o programa (KRAUS; SCALIN, 1983, p.51).

Kraus, além de apresentar esses elementos, nos lembra que os acampamentos organizados seguem regras e se estruturam: muitos acampamentos possuem organogramas organizacionais, bem definidos e estruturados, que explicam funções e hierarquias da ordenação do acampamento.

O acampamento se esforça por meio das atividades imersivas e de aventura essa troca de conhecimentos como também de realidades entre os acampantes, para que eles podem aprofundar seus conhecimentos e aprendizados durante todo o período de acampamento.

Bernard S. Manson possui uma definição sobre como os acampamentos deveriam ser, que diz muito sobre as questões de atividade e aventura:

O acampar requer o imaginário, o pitoresco, o romântico; requer tudo isso para sua própria atratividade e por causa da América jovem para quem o imaginário se tornara em um único tipo permanente de brincadeira(...) O (...) acampamento, se honrando, constitui um dos maiores fatores sociais, humanos e civilizadores que podem entrar na vida de um garoto ou de uma garota (MASON; BALL, 1979, p.13).

Existe, então, essa necessidade de uma mudança de realidade para que os acampamentos funcionem da melhor forma, é necessário esse imaginário que foge da realidade com a qual os acampantes estão acostumados.

Outra questão importante a ser tratada é se o acampamento será competitivo ou cooperativo, visto que essa decisão molda todo o acampamento e interfere direta e profundamente em seu programa.

Os acampamentos competitivos são acampamentos nos quais os acampantes serão divididos em times e tudo que eles fizerem será analisado e colocado dentro da competição entre os dois times, fazendo a participação dos acampantes ter um incentivo pela vitória durante o acampamento como um todo.

Os acampamentos cooperativos, diferentemente dos competitivos, não possuem uma competição entre acampantes como foco de sua programação. Eles procuram por atividades e momentos recreativos nos quais os acampantes necessitam agir em conjunto, tendo algum objetivo final a ser concluído.

Importante mencionar que entre esses dois modelos de acampamento não há um modelo correto e um errado, ambos são modelos válidos e úteis. O que os diferencia são as questões das quais os líderes dos acampamentos desejam e necessitam tratar com os acampantes durante o período de acampamento.

Existem outros modelos de acampamentos espalhados pelo mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, são muito conhecidos os acampamentos de temporadas, que possuem uma duração mais longa podendo ir de semanas até mesmo a um mês inteiro; lá também existem os acampamentos nos quais não há conceitos religiosos, comumente funcionam como uma grande colônia de férias, para que crianças e adolescentes possam usufruir de atividades durante seus períodos de férias.

Já no Brasil é incomum a cultura de acampamentos recreacionais. Os mais conhecidos são os acampamentos cristãos, a exemplo dos promovidos por instituições como o Palavra da Vida ou Jovens da Verdade. Muito comum no Brasil também são acampamentos promovidos por igrejas e comunidades locais, que possuem estruturas e um tempo de duração reduzido em comparação com esses de instituições especializadas e voltadas para esse tipo de atividade, normalmente ocorrendo em finais de semana que possuem feriados.

Uma última questão que deve ser compreendida acerca desse assunto é que existem acampamentos organizados de forma centralizada e outros possuem uma estrutura descentralizada. Para entendermos suas diferenças, Richard Kraus define:

Nos acampamentos centralizados existe a tendência de uma abordagem um tanto quanto uniforme à programação de atividades, bem como uma forte ênfase na instrução, capacidade e tarefas realizadas. Nos acampamentos descentralizados, a ênfase tende a ser no processo do grupo e na criatividade e flexibilidade das atividades do dia a dia, bem como maneira de conviver (KRAUS; SCALIN, 1983, p.32).

Compreendendo essa diferença é preciso informar que os acampamentos que foram analisados durante essa pesquisa possuíam uma organização centralizada e focada em seguir um programa.

1.2. Conselheiros

Os acampamentos cristãos possuem um elemento fundamental o qual, em outros acampamentos, não possui a mesma relevância e alguns casos nem existe de forma intencional. Esse elemento tão fundamental para os acampamentos cristãos é a comunicação interpessoal entre conselheiros e acampantes. O relacionamento entre eles possui uma relevância tão grande que a maioria dos programas são feitos e moldados visando a momentos e situações para que a comunicação seja facilitada.

O conselheiro passa um treinamento mais específico sobre seu setor de atuação. Nesse treinamento, ele aprende como se relacionar com os acampantes de forma mais intencional, ele é colocado diante de exemplos de situações pelas quais ele poderia passar, tudo isso o capacitando para agir da melhor forma possível. É importante ressaltar que toda a equipe é capacitada e treinada para ter uma boa comunicação interpessoal, mesmo aqueles que não são conselheiros.

O conselheiro, diferentemente dos outros equipantes, será responsável por um grupo de acampantes durante todo o período de acampamento. Esse grupo fica no mesmo quarto, farão as refeições juntos, participarão das atividades recreativas juntos, e o conselheiro estará junto com eles, vivenciando todos esses momentos, procurando ajudar em suas dificuldades ou dúvidas, sendo um verdadeiro líder para eles no acampamento.

O professor de psicologia Norman Wright vai trazer a seguinte definição sobre líderes em acampamentos: “O bom líder prevê situações possíveis e se prepara para enfrentá-las. Se em dado momento existe uma falta de liderança, ele percebe e preenche a lacuna fazendo-o com intensa disposição (WRIGHT, 1968, p.69).”

Logo, o conselheiro possui essa missão de liderar esses acampantes, e um bom conselheiro se esforçara para preencher as necessidades antes mesmo de elas acontecerem.

Além da missão de viver o acampamento junto com os acampantes e de ajudá-los a seguirem as normas e regras, o conselheiro de acampamentos cristãos possui a missão de pregar o evangelho àqueles jovens, como também de ser alguém para quem esses jovens possam se abrir e possam buscar por conselhos e auxílio: “O Aconselhamento constitui um relacionamento no qual uma pessoa tenta ajudar a outra a entender e solucionar problemas. É um entendimento entre pessoas que resulta em mudança (WRIGHT, 1968, p.81).”

Para que o conselheiro consiga cumprir seus objetivos e funções, ele precisa criar um relacionamento saudável com seus aconselhados, quebrando as barreiras da estranheza e até da timidez para poder estar próximo desses jovens e aconselhá-los.

O autor Jim Badke, que têm uma longa história trabalhando com acampamentos cristãos no Canadá, possui algumas posições acerca dos objetivos e missões dos conselheiros durante esses períodos de acampamento:

Sua maior responsabilidade como conselheiro de acampamentos, mais prioritária ainda que as muitas outras coisas que possam vir à mente, é o cultivo de

relacionamentos com seus acampantes. Isso inclui os relacionamentos que você tem com acampantes individuais de seu quarto ou cabine, e seu relacionamento com o grupo como um todo (BADKE, 1998, p.114).

O posicionamento de Badke transmite com as necessidades do acampamento, porque a relação entre acampante e conselheiro é fundamental para o bom andamento de um acampamento. A experiência de um acampante pode ser completamente arruinada por um conselheiro que não se relaciona com ele ou que possui uma postura autoritária e sem comunicação interpessoal. Por um outro lado, um conselheiro que almeja tratar bem todos os seus aconselhados, que procura ter um relacionamento verdadeiro com cada um deles pode fazer de um acampamento a melhor experiência da vida de um acampante.

Existem muito relatos de pessoas que participaram de acampamentos na infância, e não se lembram das brincadeiras, das mensagens, nem mesmo onde ocorreu o acampamento, mas possuem memórias nítidas de seus conselheiros, sendo elas boas ou de experiências frustradas por um conselheiro que agiu mal.

Entende-se, então, que o conselheiro possui uma responsabilidade muito importante, primeiro por ser o responsável tanto por um grupo de jovens durante um período como também pelo cuidado individual com cada um, e segundo, consequentemente, por precisar lidar com as expectativas que os acampantes já possuem desde antes do acampamento e, ainda, se preocupar com o bem-estar físico e com os relacionamentos entre os acampantes, de forma que muitas vezes o conselheiro age como mediador das questões.

Para entender como esse relacionamento entre conselheiro e acampante pode ser tão bem executado, é necessário compreender a forma com as quais ele aconselha e dois nomes relevantes do aconselhamento cristão cujos conhecimentos podem enriquecer esse entendimento são o doutor em aconselhamento na área de Neuropsicologia Edward Welch e o mestre em aconselhamento pela Westminster Theological Seminary Michael Emlet.

Welch defende a necessidade de o conselheiro ter um relacionamento pessoal com seus aconselhados ou potenciais aconselhados, de que essa seria a única forma com a qual seria possível, então, aconselhar de forma eficaz alguém, ele diz: “Nosso auxílio também é pessoal. Somos uma combinação de servos e amigos que, como amigos, acolhemos pessoas, desfrutamos delas, carregamos seus fardos e até mesmo compartilhamos o que está em nosso próprio coração (WELCH, 2019, p.45).”

Ele defende uma troca de experiências entre as duas partes para que um bom relacionamento seja criado e para que todas as necessidades que aquela pessoa possui sejam

saciadas. Ele ainda defende que apenas recolher informações e dados das pessoas não é suficiente; é necessária uma pessoalidade entre os lados para que o objetivo central seja concluído e o autor defende isso quando diz: “Queremos conhecer os outros, mas não podemos fazê-lo simplesmente acumulando acontecimentos de suas vidas. Conhecimento pessoal é nosso objetivo” (WELCH, 2015, p.72).

Para Emlet existe a necessidade de compreender as histórias das pessoas, de estar atento aos detalhes, de forma que sem essa percepção seria até possível identificar o problema e podá-lo momentaneamente, porém o conselheiro não estaria apto para encontrar a raiz do problema e resolvê-lo, essa questão é bem apresentada quando ele diz: “Se não levamos em consideração as histórias que moldam a vida das pessoas, ofereceremos aconselhamento focado em soluções, sem que talvez consigamos ver as raízes do problema” (EMLET, 2009, p.81).

Para o autor, existe também a necessidade, durante o processo de aconselhamento, de não focar apenas nos erros e dificuldades do aconselhado, mas de ressaltar os acertos e as qualidades dele. O autor defende que é necessário trazer à tona a esperança para os aconselhados para que eles possam ser sarados completamente: “Ministrar aos outros é muito mais do que correção ou repreensão. É também encorajamento (“É nesse aspecto que já vejo Jesus em ação na sua vida”), formação de visão e edificação da esperança” (EMLET, 2009, p.94).

Welch traz uma compreensão de que, para poder aconselhar, é necessário ir além do que está aparente e superficial, é necessário se aprofundar e compreender o que a outra pessoa está sentindo mediante aquela situação. O conselheiro precisa se aprofundar em suas análises, prestando atenção em cada detalhe para poder aconselhar sobre as necessidades verdadeiras.

Esperamos compreender o que é importante para a pessoa com quem estamos conversando, ou seja, esperamos ouvir o que está em seu coração. O caminho para obtermos isso é ouvir analisando o que é querido, o que é amado, o que é temido, o que é difícil - nós ouvimos buscando compreender como aquela pessoa se sente (WELCH, 2015, p.71).

Um conselheiro de acampamento cristão precisa buscar cumprir esses requisitos durante o acampamento, buscando viver com aqueles acampantes, tendo relacionamento genuínos, tendo uma troca entre os dois lados.

1.3. Retiros

Após conceituar o que são acampamentos e o que são acampamentos cristãos, entende-se como fundamental fazer uma distinção entre retiros e acampamentos, tendo em vista que os retiros são mais comuns na sociedade brasileira, logo, compreender suas diferenças é necessário para que não ocorram percepções errôneas.

Os retiros possuem muitas características similares aos acampamentos, como a mudança de ambiente, buscando um isolamento da realidade cotidiana da pessoa. Por isso, tanto os retiros como os acampamentos podem até ser realizados nos mesmos espaços, porém nunca ao mesmo tempo.

Apesar de suas similaridades, os dois eventos também possuem importantes diferenças. Enquanto os acampamentos possuem uma rotina mais animada e frenética, os retiros são mais calmos, proporcionando mais momentos de introspecção e de solidão do participante.

A duração de um retiro também é diferente da de um acampamento, visto que, enquanto um acampamento tem no mínimo 5 dias de duração, um retiro dura no máximo 3 dias, normalmente ocorrendo em finais de semana.

Outra diferença entre os dois tipos de eventos é que a forma com a qual os retiros são organizados se dá utilizando-se de uma programação descentralizada, dando liberdade para seus participantes poderem descansar, refletir sobre suas vidas e as situações que estão vivendo.

Ainda, o retiro proporciona que o participante aprenda algo importante para si mesmo, que ele se dedique a alguma atividade, então nas programações de retiros existem mais momentos de oração, louvores, cultos e *workshops*.

De acordo com o Centro de Estudos Universitários do Sumaré, retiros são momentos de busca por piedade e por melhoras espirituais e mentais: “O Retiro Espiritual é uma atividade espiritual que proporciona aos participantes tempo para olhar os principais pontos da vida, o que está bem, o que está mal e como melhorar (SUMARE, [s.d.], acesso em 14 ago. 2024).”

O *blog* da comunidade Bethânia também diz que os retiros são importantes para que a pessoa possa se dedicar em um crescimento espiritual que se tornará constante e será vivenciado no cotidiano: “Um retiro espiritual prepara a pessoa para viver a busca da sua

espiritualidade na sua vida cotidiana, por meio de um processo que não deixa alguém “pronto”, mas fortalecido para a sua luta diária e constante de escolher a melhor parte (BETHANIA, 2018, Acesso em 14 ago. 2024).”

1.4. Programa

O programa é o que rege e define os caminhos que o acampamento irá tomar. Essa programação será definida com antecedência, mas podendo ser alterada durante o acampamento para poder suprir necessidades que não foram previstas.

A filosofia por trás da instituição ou (por trás) do diretor de acampamento responsável pelo programa, são os maiores influenciadores para que o programa seja montado. Os acampamentos analisados durante essa pesquisa seguiam uma mesma filosofia e eram montados seguindo o modelo da Pirâmide de Cox.

Davi Cox é um missionário da Instituição Palavra da Vida. Ele foi responsável por fundar a primeira escola Palavra da Vida, em 1963, da qual ele foi diretor por muitos anos.

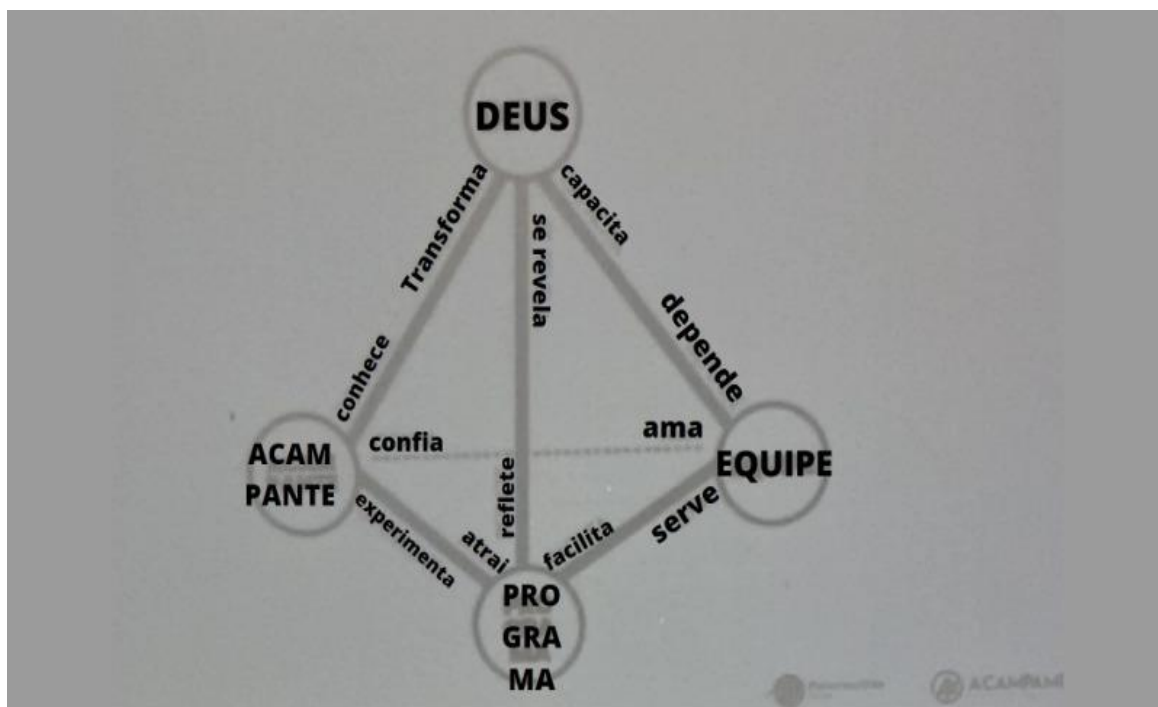


Imagem nossa.

A Pirâmide de Cox representa visualmente o entendimento de que o acampamento e seu programa, acampantes e equipantes estão todos conectados com Deus. Esse entendimento define que: Deus capacita o equipante, se revela por meio do programa e transforma o acampante; o acampante conhece a Deus, experimenta o programa e confia na equipe; o equipante depende de Deus para trabalhar, serve ao programa, fazendo com que

ele seja executado, e ama o acampante; e o programa reflete a Deus, atrai o acampante com suas atividades e facilita o trabalho da equipe durante todo o evento.

Tendo essa pirâmide como base, o programa é formulado seguindo os moldes para que cada uma dessas relações seja obedecida e seguida durante o período de acampamento, para que a filosofia do acampamento seja cumprida.

O acampamento analisado durante toda a pesquisa compreendia programa como todos os momentos do acampamento, desde o acordar e escovar os dentes até as atividades já estabelecidas, todas essas situações faziam parte do programa, todas elas eram oportunidades para alguém da equipe exercer uma boa comunicação interpessoal por meio de conversas intencionais com os acampantes, o que conversa muito bem com a definição feita por Richard Kraus: “[O programa] consiste em todas as áreas de participação espontânea ou planejada nas quais os acampantes se envolvem (KRAUS; SCALIN, 1983, p.59).”

Para Armand Ball, a organização de um programa vai além da filosofia já estabelecida, é necessário levar em conta que a instituição é uma organização e que, com isso, os acampantes e seus pais e responsáveis são clientes e seus desejos e necessidades precisam ser levados em consideração no momento da montagem do programa.

[...] consiste em avaliar os interesses de seus clientes, bem como as suas necessidades desenvolvendo. Esta estimativa é multifacetada já que, até mesmo quando o acampamento ocupa-se unicamente de jovens, pais e acampantes são ambos clientes e frequentemente têm pontos de vista distintos (BALL, 1979, p.93).

Para Ball, esses diversos pontos de vista não eram necessariamente negativos ou um problema para a organização, mas sim norteadores para saber as necessidades da produção do programa, e, nesse sentido, ele faz uma análise dentro da filosofia de acampamentos centralizados, analisando a forma como esses clientes agem em conjunto: “Sob a filosofia de um programa centralizado, as atividades são realizadas de modo que cada acampante individual possa participar delas junto com uma variedade de outros acampantes (BALL, 1979, p.96).”

Para o acampamento analisado, era de extrema importância essa necessidade de que o acampante participe de tudo com um grupo de pessoas, trazendo unidade em meio à diversidade de pessoas.

Para um controle e organização do programa, muitos acampamentos definem um cargo dentro da equipe designado para que o programa fosse seguido nas horas certas e da melhor forma possível, denominado aviseiro. Então, o aviseiro era responsável por acordar a todos no horário correto e pela comunicação interna, informando a todos qual era a próxima atividade e o que deveria ser seguido e feito em seguida.

A figura a seguir é uma imagem de como era a organização do programa do acampamento analisado.

PROGRAMA ACAMPAMENTO TEENS VERÃO 24'									
15.01 SEG		16.01 TER		17.01 QUA		18.01 QUI		19.01 SEX	
		07:45	Acorda Equipe	07:45	Acorda Equipe	07:45	Acorda Equipe	08:15	Acorda Equipe
		08:00	Acorda Acampante	08:00	Acorda Acampante	08:00	Acorda Acampante	08:30	Acorda Acampante
		08:30	CAFÉ	08:30	CAFÉ	08:30	CAFÉ	09:00	Arruma, MALAI
		09:30	Devocional EKP	09:30	Devocional EKP	09:30	Reunião 4	09:30	CAFÉ
		10:00	Reunião 2	10:00	Reunião 3			10:30	Reunião 5
		11:30	Equipe X IN	11:30	Equipe X IN	11:30	Equipe X IN	11:45	Encerramento
13:00	ALMOÇO	13:00	ALMOÇO	13:00	ALMOÇO	13:00	ALMOÇO na MATA e Devocional de Quarto	13:00	ALMOÇO
14:30	Boas Vindas	14:30	WorkShop	14:00	Equipe X Acampante	15:30	Corridinha MIXURUCA	14:00	Tchau acampantes
15:00	Divisão de Times	15:30	Equipe X Equipe					14:30	Mutirão Equipe
15:30	Equipe X Equipe							16:00	Reunião Equipe
17:00	Livre	17:00	Livre	14:45	Livre Orientado			17:00	Livre
18:00	Banho	18:00	Banho	18:30	Banho	18:30	Banho		
19:00	Jantar ARCA DE NOÉ	19:00	Jantar POOL PARTY	19:30	Jantar RECICLE	19:00	Jantar FAKE NEWS		
20:30	Reunião 1	21:00	JOGO NOTURNO	21:30	Culto da Fogueira	20:30	PV Show		
22:00	Equipe X Equipe								
23:30	Chámunhão								
00:00	Luzes Apagadas	00:00	Luzes Apagadas	00:00	Luzes Apagadas	00:00	Luzes Apagadas		
COORDENADOR E PROGRAMA: SAULO CHEFE DE EQUIPE: LEO CHEFE DOS CONSELHEIROS: ARTHUR AVISEIRO: PIZZO ESPORTE: VINI									
PRELETOR: Marcelo Brasolin e KIKA									

Imagem de uso interno da equipe dos acampamentos do Palavra da Vida Caldas Novas

2. CONTEXTO HISTÓRICO

2.1. Idade Antiga

Desde o início da humanidade, o ser humano teve a necessidade de mudar frequentemente de local de habitação em busca de mantimentos. Enquanto nômade, ele necessitava de recursos expostos na natureza.

Durante suas peregrinações, o ser humano buscava abrigos e locais para morar, muitos acabavam morando em cavernas, mas nem sempre isso era possível e, por essa razão, eles desenvolveram tendas, que os protegeriam, mas também seriam práticas para uma vida de mudança frequente de local. Essa questão é bem abordada pelo Britannica: “Tendas foram a habitação da maior parte dos povos nômades de todo o mundo, desde antigas civilizações, como também os Assírios do século XX, beduínos do Norte da África e oriente Médio.” - (BRITANNICA, [s.d.], Acesso em 15 ago. 2024 - Tradução nossa)²

Essa forma de moradia e habitação, além de ser funcional para o estilo de vida nômade, também possuía diversos simbolismos e questões culturais para aqueles que viviam nelas.

A funcionalidade das tendas nômades transcende o simples abrigo, abrangendo uma infinidade de características práticas para o estilo de vida nômade. Essas habitações moveis, são projetadas com muito cuidado para fornecerem conforto, proteção, adaptabilidade em diversos ambientes. - (TOURISTSECRETS, 15 jan. 2024, Acesso em: 15 ago. 2024 - Tradução nossa)³

Além de sua importância para o estilo de vida nômade, todas as necessidades eram satisfeitas pelo uso das tendas, pela sua eficiência em ser uma habitação possível de ser transportada, e não fixa.

As tendas também dialogam muito bem com a natureza ao seu redor, visto que, por ser uma habitação não fixa, as construções causavam pouco impacto na natureza, possuindo, então, uma relação muito saudável entre a natureza e os nômades. “Essas habitações portáteis são emblemáticas da relação simbiótica entre as comunidades nômades e o ambiente

² No original: Tents have also been the dwelling places of most of the nomadic peoples of the world, from ancient civilizations such as the Assyrian to the 20th-century Bedouins of North Africa and the Middle East.

³ No original: The functionality of nomadic tents transcends mere shelter, encompassing a myriad of practical features tailored to the nomadic way of life. These portable dwellings are meticulously designed to provide comfort, protection, and adaptability in diverse environmental settings.

natural, refletindo uma profunda reverência pela terra e pelos ritmos cíclicos da natureza.” - (TOURISTSECRETS, 15 jan. 2024, Acesso em: 15 ago. 2024 - Tradução nossa)⁴

Alguns povos nômades possuem uma relevância maior para o enredo da origem dos acampamentos cristãos, por possuírem características únicas e por se relacionarem de forma diferente com seus acampamentos, sendo alguns desses povos os escitas, os hebreus e os hunos.

Os escitas são um povo nômade que é citado pela primeira vez em 400 A.C. e existem indícios de que sua origem remete a pelo menos 900 A.C. Diferentemente de outros povos nômades, os escitas utilizavam carroças para transportar suas tendas e seus bens, podendo montar acampamentos mais estruturados.

O Brilhante físico da Grécia antiga, Hipócrates, escreveu que “Os escitas... não possuem casas, mas vivem em carroças. Essas carroças são pequenas, com 4 rodas. Outras possuem seis rodas são cobertas com feltro; essas carroças são utilizadas como casa, em dois ou três e providenciam abrigo contra a chuva e o vento... As mulheres e as crianças viviam nessas carroças, mas o homem sempre permanecia montado no cavalo. - (British Musuem, 2017 - Tradução Nossa)⁵

Já os hebreus possuem relações espirituais muito fortes acerca seus acampamentos. Essas relações se iniciam após o dilúvio, que é um evento relatado pelo povo judeu na Torah, onde Deus decide destruir a humanidade e escolhe Noé e sua família para serem salvos da destruição junto com um par de cada animal. Noé passa por uma situação em que é humilhado por um de seus filhos e, por isso, profere uma maldição para esse filho (Cam) e profere bençãos para os outros dois filhos (Sem e Jafé).

O texto bíblico diz: “Engrateça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem; e Canaã lhe seja servo.” (Gn 9, 27). O que chama atenção nessa benção é que Jafé é abençoado não por algo em específico, mas por habitar entre as tendas de Sem. Sobre isso, o teólogo Geerhardus Vos (2019) faz um estudo sobre as questões que são apresentadas na Bíblia as entendendo, como uma única e grande narrativa. Ao falar sobre o momento citado acima,

⁴ No original: These portable dwellings are emblematic of the symbiotic relationship between nomadic communities and their natural surroundings, reflecting a deep reverence for the land and the cyclical rhythms of nature.

⁵ No original: The brilliantly named 'pseudo-Hippocrates' wrote that: 'The Scyths... have no houses but live in wagons. These are very small with four wheels. Others with six wheels are covered with felt; such wagons are employed like houses, in twos or threes and provide shelter from rain and wind ... The women and children live in these wagons, but the men always remain on horseback.'

ele apresenta uma percepção de que a dominância de Jafé sobre Sem possui um caráter espiritual que vai além do político e do geográfico.

A intenção é fazer referência a uma conquista política. Porém, no fim essa conquista física terá como resultado a vinda de uma bênção religiosa para Jafé. Ao ocupar as tendas de Sem ele encontrará o Deus de Sem, o Deus de redenção e revelação. - (VOS, 2019, p. 80)

O povo hebreu via seus patriarcas com muito respeito e reverência, por serem aqueles escolhidos por Deus para dar início ao povo, com sua cultura e com sua cultuação monoteísta, característica incomum dos povos dessa época.

Os patriarcas do povo hebreu eram Abraão, Isaque e Jacó e as histórias de cada um desses patriarcas eram muito importantes para o povo. O historiador Flávio Josefo, em seus estudos sobre o povo judeu, traz um relato sobre o estilo de vida nômade de Abraão.

Lemos no quarto livro da história de Nicolau de Damasco estas apropriadas palavras: “Abraão saiu com grande acompanhamento da terra dos caldeus, que está acima da Babilônia, reinou em Damasco e partiu algum tempo depois como todo o seu povo, estabeleceu-se na terra de Canaã. - (JOSEFO, 2015, p.90)

Mas o momento mais importante e relevante para o povo hebreu relacionado a acampamentos foi após o êxodo, quando o povo foi liberto da escravidão no Egito e começou a sua peregrinação para a terra prometida por Deus.

Esse é um momento de grande relevância para história do povo porque é durante esse período no qual eles estão vivendo no acampamento no deserto que as questões mais importantes quanto a leis e religião e questões socioculturais são definidas para aquele povo.

Possivelmente o momento mais impactante desse período seja quando Moisés, o líder político do povo, traz as ordenanças da construção de um tabernáculo, um local que seria a habitação do próprio Deus, simbolizando um momento em que Deus estaria habitando entre o povo. Acerca disso, o texto bíblico diz: “Porei meu Tabernáculo no meio de vós [...]” (Lv 26,11a). Em outras palavras, é como se o próprio Deus dissesse para seu povo: eu colocarei minha tenda e acamparei com vocês. Josefo relata sobre a construção do tabernáculo: “Moisés ensinou-os, segundo o que o próprio Deus lhe havia manifestado, como Ele queria que se construísse o Tabernáculo, que era como um Templo portátil, e exortou-os a não perderem tempo em construí-lo.” - (JOSEFO,2015, p.167)

A questão do tabernáculo era tão importante e relevante para o povo hebreu que eles possuíam uma festa apenas para se lembrar da importância do tabernáculo. Durante essa

festa, as famílias se reuniriam por alguns dias para viver em tendas: “sete dias habitareis em tendas de ramos; todos os naturais de Israel habitarão em tendas.” (Lv. 23,42)

Um outro povo nômade que possuía um costume muito marcante sobre sua forma de acampar eram os hunos, povo que atualmente são os mongóis. Os hunos utilizavam uma técnica de construção de tendas diferentes de outras culturas e suas tendas eram chamadas de yurt.

“A tradicional casa para muitas tribos nômades do oriente próximo e da ásia central era o Yurt, também chamado Ger na Mongólia. Ninguém sabe ao certo quando o Yurt surgiu, mas é sabido que ele é usado pelos nômades da Ásia central por mais de 3.000 anos.” -(THEVINTAGENEWS, c25 abril 2024, Acesso em: 15 ago. 2024 - Tradução nossa)⁶



Mongolia Travel & Tours - Yurt

Os hunos se orgulhavam tanto de suas técnicas de acampamento e estilo de vida que, mesmo sendo um império que crescia e dominava outros, ele não abandonava esse estilo de vida, como também apresentavam os yurts para os povos dominados para que eles pudessem viver nesse estilo de vida também. Como é apontado: “Similarmente as tribos

⁶ No original: The traditional home for many nomadic tribes of the Near East and Central Asia was the yurt, also called a ger in Mongolia. No one knows for sure where the yurt originated, but what is known is that it was used by nomads in Central Asia for over 3,000 years.

vizinhas, os Hunos usavam o yurt como suas habitações principais, e com o crescimento de seu império em poder e tamanho, eles também introduziram o yurt para as tribos conquistadas por eles” - (THEVINTAGENEWS, c25 abril 2024, Acesso em: 15 ago. 2024 - Tradução nossa)⁷

Os hunos causaram um significativo verdadeiro impacto cultural, trazendo técnicas de transporte e de deslocamento de acampamentos que antes não eram usadas. Alguns historiadores apontam que, de forma parecida com os escitas, eles utilizavam de carros de transporte de seus yurts.

O impacto social da forma de viver dos hunos atravessou diversos séculos e gerações sendo que ainda hoje temos diversas pessoas vivendo ainda em yurts na Mongólia.

A habitação circular permite os pastores nômades a terem uma casa que eles podem rapidamente desmontar, transportar e remontar quando se mudam para um novo pasto para seus rebanhos. O yurt permanece até hoje, sendo uma parte importante da cultura e herança da Mongólia.” - (MONGOLIAM EMPIRE, 16 nov. 2023, Acesso em: 15 ago. 2024 - Tradução nossa)⁸

A partir do avanço das civilizações e das cidades e do desenvolvimento de um estilo de vida sedentário, os acampamentos começaram a perder sua importância e deixaram de ser utilizados, pois as cidades supriam as necessidades da época, sem a exigência de que as pessoas mudarem de localização assim que os recursos acabassem.

⁷ No original: Similar to their neighboring tribes, the Huns used the yurt as their primary dwelling, and as their empire grew in power and size they also introduced the yurt to the tribes they conquered.

⁸ No original: This circular dwelling allowed nomadic pastoralists to have a home that could be quickly dismantled, transported, and rebuilt as they moved to new pastures for their livestock. The yurt remains an important part of Mongolian culture and heritage.



The siege of Shaizar. John II directs while his allies sit inactive in their camp. French manuscript (Credit: Public Domain).

Com as guerras se intensificando, os acampamentos voltaram a ser utilizados, porém de forma meramente militar em casos específicos, como as cruzadas, apesar de que existiam alguns com caráter religioso, com relatos de missas e momentos de oração.



The camp of Charles V at Lauingen in the year 1546 by Matthias Gerung, 1551.

Na Idade Média, o movimento de monges de se retirarem para dentro dos monastérios, com intuito de pensar sobre suas ações, como também de aprofundar em estudos religiosos, pode ser considerado como precursor dos retiros espirituais e cristãos que conhecemos hoje.

Algumas características desses retiros dos monges se assemelham com princípios utilizados hoje em dia em acampamentos, como a ideia de se retirar para se conectar com Deus, ter momentos de reflexão e de dedicação por propósito, apesar de que existem outras que diferem os dois tipos, como é o caso dos momentos de solitude.

Um dos aspectos essenciais da vida diária dos monges medievais eram suas reflexões pessoais e contemplação, aonde eles iriam se retirar para espaços separados no monastério. Esses períodos de solitude permitiam os monges refletirem em suas jornadas espirituais buscando clareza e paz interior. [...] Os monges iriam às vezes passar horas nesses espaços orando, meditando e lendo textos espirituais. O silêncio não era apenas apreciado, mas também requerido durante esses períodos de reflexão. Ao eliminarem distrações do mundo exterior, os monges conseguiam tirar tempo para se conectar com Deus e encontrar um senso de propósito mais profundo. - (KNIGHTS TEMPLAR, [s.d.], Acesso em: 15 ago. 2024 - Tradução nossa)⁹

Um personagem importante para a história dos acampamentos foi Charles Spurgeon, um pastor batista, conhecido como o príncipe dos pregadores. Ele viveu na Inglaterra durante o século XIX e muitas de suas ações foram observadas e tomadas como exemplo para acampamentos no futuro.

Uma dessas ações era seus retiros pessoais, já que Spurgeon possuía uma fazenda em Mentone na França, local para onde ele se retirava para cuidar de sua saúde, mas relatos apontam que existia também um foco no cuidado mental e espiritual, possuindo até momentos de recreação.

Três meses em Mentone, sob as variadas experiências de trabalho e alegre recreação, de uma saúde crescente e uma triste recaída, de tempos bons e tempestades, me deram uma visão do caráter dele que eu não poderia ter obtido de outra forma. - (SPURGEON, 1809, p.2 - Tradução nossa)¹⁰

⁹ No Original: One of the key aspects of medieval monks daily life was personal reflection and contemplation, where they would retreat to secluded spaces within the monastery. These periods of solitude allowed the monks to reflect on their spiritual journey, seek clarity and find inner peace. Monks would often spend hours in these spaces praying, meditating, or reading spiritual texts. Silence was not only appreciated, but also required during these periods of reflection. By eliminating distractions from the outside world, the monks could take the time to connect with God and find a deeper sense of purpose.

¹⁰ No original: Three months at Mentone, under the varying experiences of earnest work and happy recreation, of growing health and sad relapse, of fair and stormy weather, gave me an insight into his character such as I could not have gained in any other way.

Spurgeon também possuía uma preocupação genuína pelas outras pessoas, havendo diversos relatos de ele interrompendo seus afazeres para poder ouvir alguém. Era uma pessoa que aproveitava o tempo para poder estar com outras pessoas.

“O Sr. Spurgeon sempre teve um profundo interesse nos vendedores ambulantes, e em suas conferências anuais era agradável para ele, quanto era para os próprios homens. Era com grande alegria e deleite que ele ouvia os relatos de aventura e experiência, narrados em diferentes dialetos; e ele se sentia especialmente animado quando eles relatavam conversões através da leitura de seus sermões e obras publicadas.” - (SPURGEON, 1809, p.164 - Tradução nossa)¹¹

Esse relato retirado de sua autobiografia mostra uma característica muito interessante sobre ele, que era a sua boa comunicação interpessoal. Spurgeon utilizava de seu tempo para desenvolver relacionamentos e viver com aquelas pessoas, característica essa que é muito valorizada e um grande foco dos acampamentos cristãos atuais.

2.2. Contemporaneidade

Após a chegada dos puritanos na América no começo do século XVII, diversos movimentos sociais e religiosos começaram a ocorrer por toda a nação norte-americana, sendo um dos mais famosos e relevantes para os acampamentos o Segundo Grande Despertar.

Esse foi um movimento religioso que buscava uma vida de pureza e piedade das pessoas, almejava uma reforma espiritual dos norte-americanos que estavam vivendo uma vida de promiscuidade de acordo com os membros do movimento.

“O Segundo Grande Despertar, foi um avivamento religioso protestante, que aconteceu nos Estados Unidos entre 1795 e 1835. Durante esse avivamento, encontros eram feitos em pequenos vilarejos e grandes cidades por todo o país e uma instituição sem igual foi fundada conhecida como encontros de acampamento.” - (BRITANNICA, 22 jul. 2024, Acesso em: 17 ago. 2024 - Tradução Nossa)¹²

Esse movimento teve um grande impacto na cultura norte-americana, porque essa procura por uma reforma cultural, social, moral e ética das leis americanas levou a

¹¹ No original: Mr. Spurgeon always took the deepest interest in the colporteurs, and their annual Conferences were as enjoyable to him as the} were to the men themselves. It was with the utmost delight that he listened to the account of their adventures and experiences, narrated in the dialect of their different districts; and he was specially cheered when they related instances of conversion through the reading of his sermons and other published works.

¹² No original: Second Great Awakening, Protestant religious revival in the United States from about 1795 to 1835. During this revival, meetings were held in small towns and large cities throughout the country, and the unique frontier institution known as the camp meeting began.

importantes mudanças, como a luta pelo fim do consumo de bebidas alcoólicas e a luta pelo fim da escravidão, entre outras questões.

“O Segundo Grande Despertar levou a dois movimentos de reforma, ou seja, a mudança de leis e comportamentos para melhorar a sociedade. Um deles foi o Movimento da Temperança, que acreditava que beber álcool não era bom para a sociedade. O outro era o abolicionismo, que queria acabar com a escravidão.”- (ALEGSAONLINE.COM, 26 jan. 2021, Acesso em: 17 ago. 2024)

Além de todas essas questões sociais, políticas e religiosas, esse movimento foi muito marcado pela forma com a qual eles se encontravam para propagar suas ideias e ensinamentos. Esses encontros ocorriam em áreas ao ar livre, normalmente em campos abertos, capazes de receber as pessoas que viajavam até ali e montavam suas tendas e barracas para poderem participar das reuniões esses encontros eram conhecidos como “*Camp Meetings*”.



Methodist Camp Meeting – Edward Williams Clay and Henry R. Robinson (1836).

Nessa mesma época, muito influenciado pelos *Camp Meetings*, muitas famílias começaram a ter um interesse maior por passarem seus momentos livres e de férias ao ar

livre, como é explicado por Richard Kraus: “O movimento de acampar como tal teve início na segunda metade do século dezenove, quando muitos indivíduos e famílias começaram a gozar suas férias ao ar livre.” - (KRAUS, SCANLIN, 1983, P.17)

De igual modo, um movimento de acampamentos realizados por uma igreja foi observado no Canadá, sendo o primeiro acampamento cristão promovido nos tempos modernos e, assim, o começo de uma cultura de acampamentos cristãos. Esse primeiro acampamento foi marcado por seus integrantes dormirem em barracas, algo muito presente na cultura de acampamentos. “A Comissão da Associação de Acampamentos de Ontario relata que, no ano de 1840, um grupo ligado a uma igreja se encontrou para um acampamento sob uma barraca em Hogg’s Hollow.” - (BALL, 1979, P.13)

Algo que fomentou o início dos acampamentos voltados para jovens foi um momento quando diversos educadores e líderes de igrejas levavam os jovens para passarem períodos ao ar livre, dando oportunidade de eles conhecerem novas realidades, poderem brincar e se divertir em um espaço novo e único para eles.

Essa necessidade de contato com a natureza como também de aprendizados novos para jovens estava se tornando tão importante que essas saídas de campo para a natureza duravam semanas durante os períodos de férias de verão.

O acampamento organizado para jovens também teve início na última metade do século dezenove, quando vários educadores e líderes de igrejas fizeram a experiência de levar grupos de jovens para viverem, estudarem, brincarem e trabalharem na ambientação do ar livre por períodos que iam de uma a duas semanas até todo o período de férias de verão. - (KRAUS; SCANLIN, 1983, p.18)

Nos Estados Unidos, os primeiros acampamentos ocorreriam posteriormente e em seu começo não possuíam um foco em espiritualidade, mas sim na saída de campo, em contato com a natureza. O primeiro acampamento foi feito pelo diretor de uma escola para meninos que decidiu fazer uma saída de campo com alguns dos alunos. Armand Ball cita em seu livro essa história.

A primeira experiência de um acampamento organizado de que se tem notícia nos Estados Unidos se deu em 1861 quando Frederick William Gunn, [...] conduziu um grupo de alunos numa caminhada de quarenta milhas (mais ou menos 60 quilômetros). Após uma jornada de dois dias, os garotos acamparam por dez dias e então caminharam de volta para a escola. - (BALL, 1979, p.14)

A partir de 1976 começaram a existir mais relatos relacionados a acampamentos, porém estes não eram realizados pelas mesmas pessoas e não possuíam os mesmos objetivos.

Começaram a surgir acampamentos particulares e independentes, que são acampamentos não estatais e que não possuem ligação com nenhum tipo de organização.

Esse foi o caso de um acampamento que ocorreu em Wilkes-Barre, em que um médico da cidade chamado Joseph montou um acampamento que possuía como intuito cuidar da saúde de jovens, sem necessariamente ter algum ensino específico ou ser relacionado a questões religiosas.

“Em 1876, o primeiro acampamento particular e independente foi organizado pelo Dr. Joseph Rothrock, um médico proveniente da cidade de Wilkes-Barre, [...] o acampamento foi visando à melhoria da saúde de crianças enfermas e enfatizava o seu bem-estar físico e saúde.” - (BALL, 1979, p. 14)

Quatro anos após o acampamento de Wilkes-Barre, ocorreu a fundação de um acampamento ao redor de um lago no estado de New Hampshire. Esse acampamento é muito importante por ser o primeiro a relatar um foco em atividades esportivas e em trabalhos diários, possuindo como objetivo a recreação e o aprendizado dos acampantes.

Assim, esse acampamento ensinava adolescentes a fazerem trabalhos necessários da vida adulta dentro de uma casa, servindo de grande auxílio para a vida deles também. É relevante também relatar que foi nesse acampamento que uma ênfase em vida e ensinamentos espirituais começou a ocorrer no conceito de acampamentos.

“No ano de 1880, o Acampamento Chocorua para meninos com idade entre doze e dezesseis anos foi organizado à beira do Lago Asquam, no estado de New Hampshire, por Ernest Balch.[...] Concentrando-se em atividades esportivas e trabalhos do dia a dia como cozinhar, limpar e lavar louça. Uma ênfase decididamente espiritual foi dada ao acampamento.” - (BALL, 1979, p. 14)

Outro acampamento de extrema importância social, que surgiu no mesmo período que o Acampamento Chocorua, foi um acampamento para pessoas com necessidades especiais, sendo voltado exclusivamente para meninas com deficiência física, mostrando como acampamentos possuem um papel fundamental tanto para a inclusão como também para o bem-estar físico e mental de seus participantes. Richard Kraus relata sobre a fundação desse acampamento: “O acampamento para pessoas especiais começou no final de 1880 quando a Sociedade de Ajuda Infantil estabeleceu um acampamento de duas semanas para meninas com deficiência física no estado de Nova Iorque.” - (KRAUS, SCANLIN, 1983, p.19)

Nesse mesmo sentido de inclusão e cuidado com minorias e com os mais necessitados, precisamos comentar sobre a fundação de organizações como a Ar Puro, que tinha como objetivo levar crianças carentes das grandes cidades para acampamentos para

que pudessem desfrutar de bons momentos de férias de verão, isso tudo sem a necessidade de que essas crianças ou seus pais pagassem por isso.

A igreja agia em conjunto com essas organizações, apoiando e fornecendo recursos e voluntários para contribuir com esses acampamentos. Movimentos como esses foram fundamentais para que igrejas locais comesçassem a criar e organizar seus próprios acampamentos, possuindo estruturas e capacidade de pessoas reduzidos em comparação aos primeiros. Esse modelo de acampamento local é muito utilizado até hoje por todo o globo por diversas igrejas.

“Os líderes das igrejas nas áreas rurais recebiam crianças da cidade nas casas de seus paroquianos como hóspedes de férias, tão cedo quanto 1870 e 1880. [...] Esta prática levou a organizações tais como a fundação do Ar Puro, que concedia férias de verão de graça para crianças carentes em numerosas grandes cidades. Foi também precursora do extensivo movimento de acampamentos de igrejas de nossos dias.” - (KRAUS, SCANLIN, 1983, p. 19)

Em 1885, ocorreu a inauguração do primeiro acampamento pertencente a uma instituição que se tem registro, sendo essa instituição a Associação Cristã de Moços, que é uma organização voltada para o trabalho com juventude. Essa inauguração é um marco muito importante, pois a partir desse momento outras organizações começaram a fundar seus próprios acampamentos, proporcionando a consolidação do que eram os acampamentos.

O acampamento da Associação Cristã de Moços é muito importante para a história dos acampamentos, pelo fato de estar até hoje em funcionamento, diferentemente de outros acampamentos já citados que duraram poucos anos. Esse, por possuir uma instituição administrando o acampamento, consegue se manter até os dias de hoje, além de conseguir se propagar para outros estados norte americanos e até mesmo outros países. “O primeiro acampamento encabeçado por uma organização foi fundado em 1885 por Scanner F. Dudley e pertencia à Associação Cristã de Moços (ACM). [...] Este é o acampamento em operação mais velho nos Estados Unidos.” - (BALL, 1979, p.14)

Um grande marco social ocorreu em 1892: o primeiro acampamento para meninas ocorreu, sendo um fato muito importante para a sociedade, pois até então os acampamentos eram voltados apenas para meninos. Essa foi uma conquista muito importante, ainda mais para um país onde o voto feminino apenas seria aceito trinta anos depois. Alguns autores defendem que os acampamentos para meninas demoraram a começar pelos costumes

vitorianos que eram impostos às meninas e que demandavam um estilo de vida muito diferente do que era apresentado e vivenciado nos acampamentos.

“Somente em 1892 um acampamento independente, por nome Acampamento Arey, separou um período de sua temporada de verão para meninas. [...] Este atraso no estabelecimento de acampamentos para meninas foi em parte devido a algumas atitudes vitorianas sobre vestuário, decoro, movimento, carreira educação das meninas da época.” - (BALL, 1979, p. 15)

A partir do século XX, os acampamentos começaram a ter um foco mais forte na espiritualidade, diferente da forma como ocorria anteriormente, de forma que é relatado que os estudos da bíblia se tornavam frequentes e essenciais dentro do programa. Nesse mesmo período, uma preocupação pelo caráter e forma de agir dos acampantes recebeu importância, fazendo com que algumas questões fossem repensadas.

Uma dessas questões se tornou essencial para a produção de um acampamento: a liderança treinada e preparada para poder ensinar e conviver com os acampantes. Assim, os acampamentos começam a ser vistos não apenas como uma forma de lazer de férias, mas como meios de aprendizado e de crescimento espiritual.

“Havia uma forte ênfase espiritual, frequentemente com o estudo da Bíblia, na maioria dos acampamentos desta era. O desenvolvimento da moral ou do caráter dos participantes era um dos elementos-chave. [...] Com a disseminação dos acampamentos a partir de 1910, uma ênfase mais aberta sobre os valores educativos da experiência no acampamento começou a ser notada. [...] O treinamento da equipe do acampamento começou a ser aceito como parte necessária do planejamento de um acampamento.” - (BALL, 1979, p. 16)

A década mais importante para os acampamentos como conhecemos hoje em dia com certeza foi a década de 20 do século XX, em que algumas questões centrais foram determinadas e criadas. Com grande parte dos acampamentos já estruturados, eles começaram a focar em programas competitivos e centralizados, buscando levar para o acampante seus objetivos e filosofias de forma cada vez melhor. Ball traz esse relato quando diz: “Até 1920, vários acampamentos já estavam bem estruturados e davam maior ênfase à competição, prêmios e atividades conduzidas com base em um horário.” - (BALL, 1979, p. 16)

Antes da década de 1920, os acampamentos visavam uma estrutura menor, com poucos acampantes e poucos equipantes, com uma estrutura já definida. Após isso, os acampamentos começaram a investir e aumentar suas vagas e equipes, esse aumento de

participantes foi uma das causas da necessidade por programas centralizados e com atividades mais diversificadas.

“Até 1920, o acampar tinha a tendência de ser uma experiência de grupos pequenos, com apenas uns poucos líderes adultos e um pequeno número de crianças. [...] Iniciando nos anos 20, foi enfatizada a programação educacional. As atividades se tornaram mais diversificadas e rigidamente programadas, proporcionando maiores oportunidades de aprendizado e numerosos programas de instrução.” - (KRAUS; SCANLIN, 1983, p. 20)

Foi próximo esse período que os acampamentos começaram a se juntar e unificar pensamentos, os diretores de acampamentos marcavam reuniões para poderem discutir ideias, perceberem o que dava certo em comum entre eles assim como o que deveria ser alterado.

No princípio, juntaram-se primeiro apenas os diretores de acampamentos para meninos e somente alguns anos depois os diretores para acampamentos de meninas se juntaram entre si para poderem discutir em conjunto e, por fim, esses dois grupos se juntaram em um só grupo com o intuito de unificar ideias e objetivos gerais para todos os tipos de acampamentos ali representados.

“Uma associação profissional de diretores de acampamentos para meninos, a Associação Americana de Diretores de Acampamentos, foi fundada no ano de 1912. Em 1916, uma associação de diretores de acampamentos para meninas, a Associação Nacional de Diretores de Acampamentos Particulares para Meninas, também surgiu. Estas duas associações se uniram em 1924 e associação resultante passou a se chamar Associação de Diretores de Acampamentos.” - (BALL, 1979, p. 17 e 18)

A partir da metade da década de 1940, os acampamentos começaram a ser muito buscados por todo o mundo, sendo a principal causa apontada para isso a Segunda Guerra Mundial, em que grande parte da população mundial era composta por jovens. Armand Ball relata que ocorreu uma expansão nos Estados Unidos de acampamentos não vista até então: “Após a Segunda Guerra Mundial, uma rápida expansão do acampamento, que seguiu paralelamente à população aumentada da juventude, varreu o país.” - (BALL, 1979, p. 19)

Com essa grande expansão de acampamentos, outras formas de pensar e de realizar acampamentos passaram a ser discutidas e aplicadas, criando muitos acampamentos focados em áreas específicas e especializadas.

Muitos desses acampamentos especializados possuíam também um foco no ensino e capacitação dos jovens para que eles assim que possível estivessem aptos a participarem ativamente na sociedade.

“Até os meados do século, o movimento de acampar começara a se diversificar grandemente. Surgiram acampamentos especializados em artes e esportes, acampamentos de trabalho ou de viagem para jovens e acampamentos para deficientes e idosos” - (KRAUS; SCANLIN, 1983, p. 21)

Outra questão muito marcada pela grande expansão dos acampamentos foi a necessidade da criação de acampamentos que não possuísem uma denominação cristã específica, de forma que os organizadores de acampamentos começaram a apurar por espaços menos nichados e que pudessem receber mais participantes em suas conferências e acampamentos. Para isso, algumas organizações retiraram seus vínculos com igrejas específicas e se tornaram, então, espaços inter denominacionais, também chamados de não denominacionais.

“Os acampamentos que desejavam alcançar objetivos espirituais muito específicos ultrapassaram a barreira imposta pelos acampamentos patrocinados (ou organizados) pelas igrejas e se tornaram acampamentos e locais para conferências inter-denominacionais e não-denominacionais.” - (BALL, 1979, p. 19)

Outra década muito interessante para ser analisada foi a década de 80 quando os acampamentos estavam com força máxima, não apenas nos Estados Unidos, mas também ao redor do mundo. Porém os EUA, tendo um investimento muito forte em acampamentos cristãos, chegou em números expressivos de mais 9 milhões de jovens participando anualmente de acampamentos. Kraus relata esse fato: “Até o início da década de 80, pesquisas nacionais (USA) mostravam que cerca de nove milhões de crianças e jovens participavam de acampamentos anualmente.” - (KRAUS; SCANLIN, 1983, p.21)

Já em países europeus, que exportaram os conceitos de acampamentos para jovens no fim do século XIX e início do século XX, os organizadores focaram em acampamentos patrocinados principalmente pelo Estado e com um foco em disponibilizar ensino e cuidados para a juventude, sem um caráter de ensino cristão em seus acampamentos.

Dois países europeus se destacaram dos demais na produção de acampamentos: a França e a Rússia. A Rússia percebeu um potencial e uma relevância gigantesca nos acampamentos para juventude e investiu profundamente neles. Esse investimento ocorreu de tal forma que, mesmo que os EUA tivessem 9 milhões de jovens anualmente participando de acampamentos, na década de 80 o maior movimento de acampamentos era o russo.

“Pelo menos dois países desenvolveram modelos de acampamentos que foram usados por seus governos no afã de disponibilizar serviços para a juventude e seus respectivos países: a França, onde os acampamentos começaram a surgir no final do século dezenove, e a Rússia, onde o acampar encetou no início de 1900. [...] O

investimento foi tamanho que, em 1980, a Rússia representava o maior movimento de acampamentos do mundo.” - (BALL, 1979, p. 17)

2.3. Brasil

No Brasil os primeiros acampamentos que se tem relato são da época da colonização onde a exploração da terra ia da costa até a linha do Tratado de Tordesilhas, após o fim do tratado, essas explorações foram se aprofundando ainda mais no território nacional.

Aqueles que partiam nessas jornadas que duravam entre meses e até mesmo anos em busca de metais preciosos e de indígenas para serem escravizados (FAUSTO, 2002, P. 94) eram conhecidos como bandeirantes, e foram responsáveis por descobrirem o ouro em Minas Geras. Seus acampamentos e expedições são datados entre o século XVII e XVIII.

Já o conceito de acampamentos cristãos surgiu apenas na década de 50 do século XX, quando missionários americanos que vieram para o Brasil trabalhar com indígenas no Mato Grosso decidiram que deveriam montar um acampamento.

Esses missionários eram Haroldo Reimer e Ari Bollback, que não vieram para o Brasil de forma independente, mas sim através da Palavra da Vida, que é uma instituição norte-americana que possui o objetivo de levar o evangelho para a juventude. Seu fundador, Jack Wytzen, fundou a Palavra da Vida baseado no ideal de que era responsabilidade de cada geração alcançar sua própria geração.

Reimer começou a trabalhar para a construção do acampamento e, em janeiro de 1958, a primeira temporada de acampamentos para jovens ocorreu em solos brasileiros.

“1952 – Haroldo Reimer e Ari Bollback deixam os EUA para serem missionários entre os índios no interior do Mato Grosso. 1958 – Em janeiro o Acampamento Palavra da Vida abre para a primeira temporada de Verão “Ministério com Jovens e Adolescentes”. - (PALAVRA DA VIDA, [s.d.], Acesso em: 18 ago. 2024)

Com esse primeiro acampamento em Atibaia, algumas repercussões ocorreram, sendo a primeira o crescimento da instituição Palavra da Vida no Brasil, que, com o passar dos anos, cresceu e se espalhou por outros estados.

A partir disso, a instituição passou a não apenas abrir outros acampamentos para jovens, mas também retiros para famílias, escolas de ensino bíblico, *day camps* (acampamentos de 1 dia) para crianças carentes, entre outros serviços para o apoio à sociedade ao redor de sua sede, como também de igrejas locais.

Hoje, a instituição Palavra da Vida está presente em todas as 5 regiões do Brasil, contando com 6 Acampamentos, 2 Estâncias para famílias, Seminários Teológicos, diversos Clubes Bíblicos em igrejas locais, Escola de Música e Ministério com ribeirinhos. - (PVCALDAS, [s.d.], Acesso em: 18 ago. 2024)

Reimer impactou também na construção de outro acampamento que é o acampamento da Mocidade para Cristo. O líder da Mocidade para Cristo (MPC) Paulo Overholt era amigo de Haroldo Reimer e, juntos, eles discutiram e planejaram que a MPC tivesse um acampamento próprio.

Na década de 1960, Paulo se mudou de São Paulo para Belo Horizonte, onde conseguiu um terreno para começar a construção do acampamento, mas as despesas eram muito altas e as ofertas para o acampamento, baixas, mas isso não impediu que eles fizessem acampamentos mesmo assim e, conseguindo emprestado barracas com o Exército Brasileiro, a MPC em 1965 teve suas primeiras temporadas de acampamentos para jovens: “E foram em barracas emprestadas pelo Exército Brasileiro que as primeiras temporadas, de verão e inverno, aconteceram a partir de 1965.” - (MPC, 2020, Acesso em: 18 ago. 2024)

Depois de quase 30 anos de muita luta, a MPC finalmente conseguiu terminar a construção de uma estrutura adequada para acampamentos de grande porte. Após a finalização da construção, o acampamento da MPC se tornou uma de suas principais atividades, sendo um dos ministérios de maior apreço da instituição, de forma que eles relatam que mais de dezenas de milhares de jovens já participaram de seus acampamentos.

“A construção teve início em 1981, a última temporada a beira da Lagoa dos Ingleses foi em julho de 1982 e a primeira temporada no novo acampamento aconteceu em julho de 1983, seguida da inauguração oficial no dia sete de julho de 1984.” - (MPC, 2020, Acesso em: 18 ago. 2024)

A década de 1980 foi muito importante para os acampamentos brasileiros também, já que foi nesse período que a primeira Associação de Acampamentos Cristãos foi fundada - não apenas fundada, mas também se filia da à Associação Internacional de Acampamentos Cristãos.

“Em 1981 acontece a primeira conferência de acampamentos evangélicos no Brasil, dando início ao processo de organização - a formação do estatuto, diretoria e demais normas administrativas passando a existir como Associação Evangélica de Acampamentos - AEA.” - (ABRAC, [s.d.], Acesso em: 18 ago. 2024)

Esse é um dado muito relevante para os acampamentos cristãos, pois simboliza um avanço na organização das instituições e de seus membros, profissionalizando um trabalho que já era feito de forma amadora.

Participar de associações como essa também é muito importante para trazer confiabilidade e visibilidade para as instituições e acampamentos organizados menos experientes, sendo necessária a filiação a essas associações. Ball apresenta uma contextualização sobre esse assunto: “Acampamentos e associações de acampamentos hoje operam em todo o mundo. Atualmente existem dezoito associações nacionais de acampamentos ligados a CCI em mais de trinta países.” - (BALL, 1979, p. 20)

No Brasil muitos acampamentos não associados a instituições ainda sofrem com os altos preços de manutenção, além de muitas famílias brasileiras não possuírem condições financeiras para poderem mandar seus filhos para acampamentos, contribuindo para uma baixa arrecadação.

É importante ressaltar que até mesmo acampamentos organizados por instituições sofrem com os altos custos de manutenção e têm dificuldades para poderem crescer e melhorar seus serviços.

3. COMUNICAÇÃO

3.1. Organizacional

Algo muito importante para podermos compreender os acampamentos é observá-los pelo que eles são. Acampamentos funcionam como organizações e em alguns casos são organizações, tanto aqueles organizados por instituições, como os acampamentos de igrejas locais, como também os acampamentos independentes.

Daniel Albert (2013), em seu artigo sobre estruturas organizacionais, cita algumas características fundamentais para definição de uma organização, sendo as mais relevantes a estrutura hierárquica, a divisão de trabalho e a cultura organizacional.

Essas três características podem ser encontradas em acampamentos organizados de instituições como também em acampamentos de igrejas - por estarem ligados a uma instituição já estruturada e organizada, elas contribuem para que essas características se façam presentes nos acampamentos.

Isso acontece de modo diferente para os acampamentos independentes que não possuem um vínculo organizacional com alguma instituição, eles possuem uma dificuldade para terem essas características bem definidas e estruturadas, sendo algo muito danoso para eles e que dificulta a sua manutenção e existência.



Imagem nossa.

Essa imagem é um organograma de um acampamento da Igreja Presbiteriana Nacional que ocorreu em 2022.

Na imagem acima, podemos observar que um organograma que exemplifica a existência de uma estrutura hierárquica como também a divisão de trabalho. Por mais que seja um organograma do acampamento de uma igreja local, ele é aplicável também para acampamentos de instituições que seguem os mesmos moldes.

Dentro da estrutura hierárquica de um acampamento cristão alguns cargos precisam ser apresentados. O cargo maior é o diretor de acampamento, ele é o responsável pela manutenção do acampamento como também instância máxima para qualquer problema que possa aparecer; em seguida temos o chefe da equipe, ele é responsável por todos os equipantes, ele é responsável por apresentar a forma de capacitação da equipe como também é a quem a equipe deve buscar caso tenha alguma questão a ser resolvida; em conjunto com o chefe da equipe temos o chefe do aconselhamento que possui as mesmas responsabilidades do chefe da equipe, porém voltadas para os conselheiros.

Abaixo dos chefes da equipe e do aconselhamento, há os chefes de setor, que são equipantes responsáveis pela manutenção dos serviços dos setores e, durante o acampamento, eles são responsáveis por montar escalas e responder por seus setores aos superiores. Tanto os chefes de setor quanto os conselheiros e demais equipantes possuem o mesmo *status quo*, porém respondem apenas pelas respectivas áreas pelas quais estão responsáveis.

Algo que difere acampamentos de instituições daqueles de igrejas locais é que os chefes do programa e da logística não são equipantes, mas sim pessoas já ligadas às instituições e que já conhecem e compreendem melhor a estrutura, a filosofia e a cultura organizacional daquele acampamento em específico.

Chiavenato (2014) apresenta a questão de que muitas empresas atualmente têm alterado a forma como suas hierarquias funcionam, transformando os colaboradores que tratavam diretamente com os clientes nos mais importantes da organização: “Muitas delas comprimiram a hierarquia e cortaram níveis intermediários e inverteram as bolas fazendo com que as pessoas que se relacionam com o cliente externo se tornassem os elementos mais importantes da organização.” - (CHIAVENATO, 2014, p. 338)

De forma semelhante, os acampamentos tratam seus equipantes como os mais importantes da hierarquia, por serem os responsáveis por lidar e tratar diretamente com os acampantes, que são os consumidores. Assim, os equipantes são escolhidos em seleções para poderem participar e em alguns lugares até recebem benefícios pelo serviço prestado.

Na imagem que descreve “Os setores e Líderes”, conseguimos ver também uma clara divisão de trabalhos, que no contexto de acampamentos ficou conhecida como divisão de setores. Nas palavras de Daniel Albert, a divisão de setores pode ser definida como:

"A organização divide suas atividades em tarefas específicas, atribuídas a diferentes departamentos ou equipes. Isso permite que a organização funcione de maneira eficiente, com cada parte da estrutura focada em uma área específica, como finanças, marketing ou desenvolvimento de produtos." – (ALBERT, 2013, p.9 - Tradução nossa)¹³

Como foi descrito, para um funcionamento eficiente, é necessário que cada parte seja focada em uma área específica, porém, de diferente modo, os acampamentos possuem seus setores próprios, além dos citados pelo autor, que também existem, mas possuem pouca ação durante o acampamento em si, sendo mais importantes no pré-acampamento e no pós-acampamento.

Em um acampamento, os setores existem para que todas as áreas de necessidade possam ser supridas durante a realização do evento. Por isso, é importante explicá-las aqui para uma melhor compreensão do tema.

O setor denominado de “esportes” é um setor que está muito ligado ao programa: enquanto o programa define os horários recreativos, o setor de esportes é quem define o que acontecerá nesses horários. Os equipantes desse setor normalmente são muito respeitados e amados pelos acampantes, pois são os equipantes responsáveis por serem juízes de jogos, criadores de brincadeiras e gincanas e são aqueles que dão as pontuações dos times em acampamentos competitivos.

Dois setores que trabalham muito próximos são o da banda e o da multimídia, já que enquanto o da banda é responsável por momentos de louvor em acampamentos cristãos, a multimídia é a responsável por toda a parte técnica por trás de todos os eventos, sejam as músicas para acordar os acampantes, músicas e microfones nas quadras esportivas e até mesmo a projeção de *slides* quando estes são necessários.

Setores como comunicação, cantina e cozinha estão ativos sempre. A comunicação sempre procura registrar os momentos do acampamento, fazendo entrevistas, produzindo materiais para serem postados nas redes e preparando um vídeo muito comum de acampamentos, que resume tudo que aconteceu naquele período. A cantina funciona em

¹³ No original: The organization divides its activities into specific tasks, assigned to different departments or teams. This allows the organization to function efficiently, with each part of the structure focused on a specific area, such as finance, marketing, or product development.

quase todos os momentos, é o setor onde os acampantes poderão comprar guloseimas, salgadinhos e bebidas como refrigerantes, que normalmente não são oferecidos durante as refeições. O setor da cozinha é um setor muito importante também pois é o responsável pelo preparo e pela organização das refeições, liberando os acampantes para poderem se servir de forma ordenada, como também auxiliando na limpeza dos utensílios utilizados pratos e talheres.

O setor dos primeiros socorros necessita ter um médico responsável, sendo ele equipante ou não - mesmo que todos os equipantes tenham passado por treinamento de primeiros socorros, existe a necessidade da presença de um médico para cuidados e segurança de todos os presentes.

Por fim, o setor da ornamentação está ativo desde antes do acampamento porque começa preparando os locais, decorando e criando projetos para que os acampantes sejam recebidos da melhor forma, mas eles também trabalham durante o acampamento, preparando os locais para momentos específicos. Um exemplo disso é que, em muitos acampamentos, é comum a ocorrência de jantares temáticos em que todos se fantasiam e a ornamentação é responsável por preparar o local de refeições para que ele esteja decorado de acordo com o tema também.

Como podemos ver, os acampamentos cristãos possuem uma grande variedade de setores que necessitam de serem administrados e cujos equipantes precisam trabalhar com empenho para que o acampamento funcione como um todo. Cabe a observação de que o setor do aconselhamento não foi tratado aqui por já ter sido abordado anteriormente.

Outra característica importante para entendermos os acampamentos como organizações é a cultura organizacional que eles possuem, mas, para isso, é necessário compreendermos o que é a cultura organizacional, a seguinte definição:

“Em outra mão, cultura organizacional pode ser definida como suposições básicas que são compartilhadas, valores, e crenças que caracterizam o ambiente e são ensinadas para novatos, como uma forma de pensar e sentir, comunicadas pelos mitos e histórias que as pessoas contam de como a organização se tornou o que ela é hoje, à medida que problemas relacionados a adaptação externa e integração interna eram resolvidos.” -(SCHNEIDER; EHRHART; MACEY, 2013 - Tradução nossa)¹⁴

¹⁴ No original: On the other hand, organizational culture may be defined as the shared basic assumptions, values, and beliefs that characterize a setting and are taught to newcomers as the proper way to think and feel, communicated by the myths and stories people tell about how the organization came to be the way it is as it solved problems associated with external adaptation and internal integration

Podemos ver que a cultura organizacional não é padronizada, não existe algo que seja comum a todas as organizações, mas sim que cada organização possui as suas próprias características culturais únicas, que, no caso dos acampamentos, o definem como ele é.

Cada acampamento tem sua própria cultura organizacional: alguns possuem almoços ao ar livre, outros têm um foco maior em tarefas manuais, alguns possuem atividades com animais ou de estudos da flora na qual estão inseridos, entre outras possibilidades que definem cada acampamento como único.

Mas algo que tanto os acampamentos cristãos de instituições quanto os acampamentos de igrejas locais possuem em comum é uma cultura organizacional de fé. Assim, todos eles possuem momentos de culto, em que os acampantes e equipantes assistem alguém pregando, com momentos de oração e de estudo individual, chamados de devocionais.

Mesmo que a maioria dos acampamentos de instituições atualmente sejam não denominacionais, logo não vinculados a alguma denominação de igreja, eles possuem essa mesma cultura de acampamento ligado à fé cristã.

Mas existem diferenças entre essas culturas, de forma que normalmente acampamentos ligados a instituições possuem culturas organizacionais religiosas focadas em evangelismo, que seria um objetivo de apresentar a fé e a religião para acampantes que não a conhecem, mas também de fortalecer a fé daqueles que já a conhecem.

Já nos acampamentos de igrejas locais existe um foco e atenção no ensinamento de questões religiosas mais profundas, de forma que normalmente os acampamentos de igrejas locais não possuem um foco em evangelizar, mas em aprimorar os conhecimentos que os participantes já possuem.

3.2. Interpessoal

Dentro de um acampamento organizado, é possível encontrar os mais diversos tipos de comunicação, desde a comunicação externa nas produções de *posts*, vídeos e textos jornalísticos, que são feitos antes e durante o acampamento, até a comunicação interna, que ajuda muito na organização do acampamento.

Mas o tipo de comunicação mais presente durante todo o período de acampamento sem dúvida é a comunicação interpessoal, de forma que muitos acampamentos a consideram a mais importante sem ter o conhecimento do que ela é. Por isso, para o prosseguimento da

pesquisa, é necessário conceituar corretamente o que é a comunicação interpessoal e suas características mais importantes.

Para os autores Aubrey Fisher e Katherine Adams (1994), existem algumas condições e características que são essenciais para se definir a comunicação interpessoal. Nas palavras deles: “A comunicação interpessoal é conceptualizada como uma dança entre parceiros relacionais.”

Como bem definido pelos autores, a comunicação interpessoal funciona como uma dança, não uma apresentação solo, mas sim uma que necessita de outras partes. Diferentemente da comunicação interna, em que normalmente não existe uma troca de informações entre os envolvidos, a comunicação interpessoal demanda isso.

“Comunicação interpessoal refere-se assim a um processo contínuo no qual os indivíduos criam em conjunto uma realidade social única: a sua relação. As relações interpessoais emergem a partir dos padrões de interação que ocorrem entre os interagentes.” - (FISHER; ADAMS, 1994, p.1)

A comunicação interpessoal é, antes de tudo, comunicação, então é sobre a criação de relacionamento, sobre estreitamento de laços e sobre a manutenção destes. Para que esses laços sejam feitos, existe a necessidade da troca de informações entre as partes envolvidas e é somente a partir dessa troca que as pessoas poderão compreender melhor suas relações e o contexto em que estão inseridas. Os autores reforçam isso: “É na e através da comunicação interpessoal que os indivíduos são capazes de tecer tapeçarias de padrões de mensagens, criando em conjunto relações e assim ligando-se uns aos outros de forma, por vezes, mais profunda.” - (FISHER; ADAMS, 1994, p.4)

Porém, a comunicação interpessoal vai além de apenas conversas e trocas de informações, como os autores definiram. Na verdade, ela é como um tipo de dança, uma experiência, algo que é genuinamente vivenciado.

“Desta forma, a comunicação interpessoal, mais do que pode ser considerada uma coisa, é algo que acontece. Por outras palavras, a comunicação interpessoal é um evento (ou uma série de eventos) que ocorre durante um determinado período de tempo.” - (FISHER; ADAMS, 1994, p.20)

E esses eventos são fundamentais para o bem-estar da organização, pois sem bons relacionamentos gerados por uma boa comunicação interpessoal o ambiente organizacional fica profundamente abalado e se torna um local propício para relacionamentos tóxicos.

Os relacionamentos tóxicos são algo que toda empresa e organização evita, pois eles contaminam a todos, a produtividade diminui, gerando estresse para os envolvidos e

outros malefícios. Por isso, a comunicação interpessoal é fundamental dentro dos meios organizados. Ela possui um respaldo psicológico, possibilitando a boa interação entre as partes.

“A comunicação interpessoal, considerada a partir do ponto de vista da orientação psicológica, é uma mistura entre semelhanças e diferenças; as relações sociais segundo o modelo psicológico são compreendidas do ponto de vista do indivíduo. Se quisermos compreender o carácter de uma relação, temos que ir junto de um ou mais indivíduos participantes na relação e solicitar informação acerca da relação.”
- (FISHER; ADAMS, 1994, p.27)

Então uma boa e bem-sucedida comunicação interpessoal é uma unidade em meio a diversidade, em que partes diferentes entre si se entendem e compreendem por irem até o outro esforçando-se para conhecer e se aprofundar no conhecimento um do outro, gerando relacionamentos saudáveis e afastando a possibilidade do ambiente se tornar tóxico.

Fisher e Adams ainda possuem outra definição de comunicação interpessoal e essa segunda definição complementa as outras já apresentadas, a comunicação deixa de ser apenas um evento e se torna também um aprofundamento no ser da outra pessoa, eles enfatizam a questão de que não é apenas algo que é feito por um superior a seus liderados, mas algo em que as pessoas participam completamente. A comunicação interpessoal é benéfica tanto para os subordinados quanto para seus superiores.

“Uma premissa fundamental subjacente a este livro é uma visão da comunicação interpessoal como um padrão de interação que define a relação e liga as pessoas umas às outras. Neste sentido, então, a comunicação não é tanto algo que nós fazemos, mas mais algo em que participamos.” - (FISHER; ADAMS, 1994, p.IV)

O professor Idalberto Chiavenato é um dos maiores nomes da comunicação em organizações, como também das áreas de administração e recursos humanos, e em algumas de suas obras ele trata sobre aconselhamento como também sobre a comunicação e como relacionamentos interpessoais realmente funcionam dentro das organizações.

Chiavenato apresenta uma realidade organizacional em que gerente e colaborador possuem uma relação profissional e pessoal saudável, de forma que o gerente trata as demandas, apresenta as orientações e se empenha em melhorar o rendimento do colaborador, enquanto o colaborador procura o gerente por orientação e procura produzir aquilo que está sendo solicitado.

“O colaborador executa tarefas enquanto o gerente lhe proporciona os recursos necessários (equipamentos, instalações, pessoas, supervisão, orientação, treinamento, retroação, aconselhamento) para isso. Cada uma das partes entra com

sua responsabilidade. O colaborador cobra recursos, enquanto o gerente cobra resultados.” - (CHIAVENATO, 2014, p.226)

Essa realidade mostra que desde a origem das organizações a comunicação interpessoal é fundamental para seu sucesso, de forma que sem o relacionamento interpessoal entre gerente e colaborador a empresa não teria capacidade de evoluir, pois o colaborador sentiria a necessidade de recursos, porém como o gerente seria capaz de proporcionar o recurso se ele não conhece a necessidade? De igual modo, como o colaborador seria capaz de entregar os resultados, se ele não soubesse da necessidade de entregá-los?

Chiavenato também nos apresenta uma crescente procura no atual mercado, em que as empresas e organizações têm almejado que seus colaboradores, gerentes e outros encarregados estejam em ambientes de trabalho saudáveis e agradáveis, nas palavras do autor: “Um ambiente de trabalho agradável facilita o relacionamento interpessoal e melhora a produtividade, bem como reduz acidentes, doenças, absenteísmo e rotatividade.” - (CHIAVENATO, 2014, p. 403) e diz que: “Aspectos como diálogo face a face, convergência, o exercício de dar e receber retroação, discussão de fatores que prejudicam a carreira das pessoas, relacionamento interpessoal e melhora do desempenho estão em alta.” - (CHIAVENATO, 2014, p. 331)

Essa é uma questão tão séria para as grandes empresas que vemos grandes nomes do mercado, como Google e Facebook, possuindo espaços de descanso, em que os colaboradores podem cochilar, salas com jogos e *videogames* e até mesmo refeitórios com grande variedade de opções, sendo tudo isso recursos para que todos possam estar bem.

Chiavenato (2014) aponta que é função dos executivos fornecer um bom ambiente de trabalho, não apenas de espaços de lazer e descanso, mas também de relações humanas saudáveis, que buscam o aperfeiçoamento individual de cada colaborador e gerente, permitindo que ambos evoluam juntos e troquem informações entre si, o autor relata que: “Os executivos devem promover um ambiente de trabalho no qual as pessoas se sintam livres e confortáveis, seja para obter aconselhamento individual, expressar assuntos gerais ou oferecer ideias e sugestões.” - (CHIAVENATO, 2014, p. 380)

O autor também apresenta características que definem bons comunicadores interpessoais e, entre as diversas características que ele aponta, a que mais chama a atenção é a Inteligência Interpessoal.

A inteligência interpessoal é uma facilidade que alguém possui, mas que pode ser adquirida, para compreender e se comunicar com outras pessoas, além de conseguir compreender os sentimentos das outras pessoas, sendo essa uma característica necessária para um bom conselheiro.

“Inteligência interpessoal: é a facilidade de compreender e se comunicar e facilitar relacionamentos e processos grupais. Envolve empatia e facilidade para lidar com pessoas e com relações sociais. Envolve a capacidade de examinar e entender os sentimentos das demais pessoas, bem como se relacionar com os outros de maneira positiva e obter cooperação e sinergia dos demais. A predominância deste tipo de inteligência conduziria ao administrador, professor, educador, líder, chefe, psicólogo, médico, sociólogo, psicanalista ou terapeuta. Silvio Santos é um exemplo” - (CHIAVENATO, 2014, p. 137)

Chiavenato aponta em sua obra a importância e a relevância do aconselhamento dentro das organizações, defende que existe uma demanda de que o colaborador se sinta confortável para poder procurar o gerente todas as vezes que sentir a necessidade de ser aconselhado e de procurar por orientação.

Ele também defende que o gerente deve buscar o colaborador para saber suas possíveis dúvidas, como também para sanar as necessidades que possam existir. O gerente necessita ter também bastante tato quando se comunicar com os colaboradores e até quando apresentar possíveis disciplinas por erros oriundos dos colaboradores, para que o ambiente se mantenha saudável da melhor forma possível.

“Aconselhamento de funcionários: o gerente proporciona aconselhamento no sentido de assessorar as pessoas no desempenho de suas atividades. O aconselhamento se aproxima da abordagem de tutoria, mas difere em um aspecto: ocorre quando surge algum problema de desempenho e o foco da discussão é relacionado com o processo de disciplina. Quando o colaborador apresenta um comportamento inconsistente com o ambiente de trabalho (ausências, atrasos, irritação, insubordinação) ou é incapaz de desempenhar o cargo satisfatoriamente e o gerente deve intervir. Porém, antes que ocorra a intervenção, é imperativo que o gerente identifique claramente o problema; se está relacionado com a capacidade do colaborador, o esforço gerencial passa a ser o de facilitador de treinamento ou desenvolvimento. O processo de aconselhamento de funcionários exige do gerente grande habilidade de ouvir e persuadir.” - (CHIAVENATO, 2014, p. 353 e 354)

4. ANÁLISE DA PESQUISA

Para a produção dessa pesquisa, optou-se pela utilização de grupos focais como metodologia. Durante a pesquisa, 3 grupos focais foram formados e as respostas dadas pelos participantes foram coletadas. Cada grupo era composto por pessoas de idades diversas, porém o primeiro grupo era de acampantes, o segundo, de equipantes e conselheiros, e o terceiro era composto de pessoas que não estão acostumadas com conselheiros que buscam uma comunicação interpessoal intencional.

O primeiro grupo focal, denominado de grupo 1, foi formado por cinco meninos de idades entre 10 e 12 anos, seus nomes foram trocados por números ordinais de 1º a 5º e suas identidades foram omitidas, por questões de segurança. Esse grupo focal foi organizado dentro da Palavra da Vida, durante um acampamento para juniores, com autorização do diretor de acampamento como também do conselheiro responsável por esses acampantes. Durante a entrevista, alguns dos meninos acabavam repetindo o que outro já tinha falado, mas outros trouxeram opiniões sinceras baseadas em suas vivências em acampamentos.

O segundo grupo focal, denominado de grupo 2 foi formado por André Lopes Miguel Paiva, de 19 anos; Jordana Reis Duarte Sales Pimenta, de 23 anos; Rhafaela Alves Sales, de 18 anos; Samuel Cunha Duarte, de 18 anos; e Timothy Wutzke Krebs, de 17 anos. André, Jordana e Rhafaela são equipantes, mas também já foram conselheiros, enquanto Samuel e Timothy são equipantes. Esse grupo focal ocorreu no momento de descanso entre acampamentos, também com a autorização do diretor de acampamento.

O terceiro grupo focal, denominado de grupo 3, foi formado por Ana Gabriela Barreiros Cordeiro, de 21 anos; Artur Soares Rocha, de 21 anos; Lucas Braun Mariano, de 22 anos; Mateus Ramos Bitar, de 20 anos; e Yasmin Rossini Raimundo, de 21 anos. Esse grupo focal foi realizado durante o Acampamento de Carnaval da Mocidade da Igreja Presbiteriana Nacional de 2024, com autorização da diretoria da Mocidade, departamento da igreja responsável pelo evento. Os integrantes desse grupo focal não estão acostumados com uma realidade de acampamento com conselheiros que buscam de forma intencional a comunicação interpessoal. Então, as respostas apresentadas advêm de um contexto diferente daquele dos outros grupos.

Analisando os três grupos focais em conjunto, alguns tópicos foram mais abordados em alguns grupos do que nos outros. Alguns dos pontos centrais discutidos por todos os grupos foram: a questão de que conselheiros e acampantes precisam ser amigos; a responsabilidade do conselheiro durante o acampamento; a relevância e o impacto do

conselheiro na vivência de acampamento dos acampantes; e a importância da comunicação interpessoal do conselheiro.

Acerca da questão da necessidade do conselheiro e do acampante serem amigos, os meninos do primeiro grupo demonstraram que, para essa amizade acontecer, os dois lados precisam se abrir.

O terceiro menino disse:

É realmente bom, é muito confortável abrir as questões com uma pessoa mais velha [...], e você vê que você realmente tem um amigo ali, é um amigo que sabe o que fazer, que provavelmente já passou por isso e que tem experiência.

O quinto menino disse:

Eu acho que é bom por causa que você tem uma pessoa para desabafar, sabe que ela não vai ficar zoando, você também vai ter uma pessoa para te apoiar, vai ter uma pessoa que vai orar por você e que vai te aconselhar.

O terceiro menino ainda ressaltou que a necessidade do conselheiro e do acampante serem amigos é grande, de acordo com ele seria impossível para o acampante colocar para fora algo que o está incomodando e necessitando de aconselhamento sem que a afinidade da amizade tivesse sido construída.

Porque, na minha opinião, o conselheiro e o acampante têm que ser amigos e é nesse momento que constrói afinidade, que você consegue se abrir e você consegue colocar para fora alguma coisa que você está lá dentro e não quer sair.

No Grupo 2, a Rhafaela fala que, sob o ponto de vista de uma conselheira, a necessidade de criar um vínculo de amizade logo de início é muito importante, pois mostra para o acampante que o conselheiro genuinamente se importa com ele, e que essa ação pode gerar um relacionamento de amizade que pode ultrapassar o período de acampamento.

Então acho que criar essa conexão mesmo desde o início, essa amizade com o acampante desde o início é mostrar que você está realmente ali para ajudá-lo, para caminhar junto, para entender o que ele tem passado e caminhar junto mesmo, mostrar que tem uma caminhada depois dali. Não é também só aquilo que ele vai viver no acampamento. Que pode contar com você além do momento do acampamento é muito importante. Acho que é isso.

Por outro lado, Samuel expressou suas percepções de quando era acampante e como equipante, observando o conselheiro a quem ele estava auxiliando. Percebeu como a amizade entre conselheiro e acampante foi se aprofundando durante o acampamento. Timothy também comenta sobre a questão de que as amizades vão se intensificando com o passar do

tempo, gerando confiança entre os lados, ele comenta como se lembra até hoje de seus conselheiros de forma positiva.

Samuel disse:

Mas eu sempre cheguei com o pensamento: não tem que fazer amizade com ele, mas eu como acampante eu vejo que os conselheiros têm que falar a língua dos seus aconselhados. Criar um vínculo de amizade para eles começarem a se abrir, começar a se relacionar. Eu como equipante de quarto eu vi isso no meu conselheiro, ele começando aos poucos a se entrosar com os meninos e aí chegando mais para os últimos dias eles começam a se abrir realmente, o que está dentro do coração deles.

Já *Timothy* falou:

É... acho que o momento mais difícil é no começo. No primeiro dia a relação entre o conselheiro e o aconselhado que é um momento meio de se conhecer. Mas vai indo mais para o meio do acampamento, já vai melhorando e acho que cria um vínculo muito forte por ser um relacionamento meio que de confiança e muito intenso e em pouco tempo. Que pode criar um vínculo para bastante tempo. Por exemplo, lembro de vários meus conselheiros de forma positiva. É isso.

No grupo 3, Yasmin e Ana Gabriela apresentam opiniões divergentes. Enquanto Yasmin defende e aponta que, na realidade na qual ela vive nos acampamentos locais de sua igreja, é mais difícil para os acampantes e os conselheiros serem amigos, por causa da idade de jovem adulto, mas também de os conselheiros não estarem sempre presentes.

Eu acho que é mais complicado, porque os conselheiros na nossa igreja às vezes não ficam o acampamento inteiro e eu acho que seria difícil acompanhar os quartos até porque a gente já tem uma autonomia muito maior, né nessa faixa etária e os acampamentos da mocidade. Na UPA, acho que seria algo interessante.

Já Ana Gabriela discorda. Ela defende que é mais fácil para a mocidade enxergar os conselheiros como possíveis amigos, enquanto as crianças e adolescentes enxergam os conselheiros como autoridades “de manda e desmanda” nos acampantes durante o período de acampamento.

Eu acho que as crianças e adolescente têm mais a noção de como se fosse mais só uma autoridade, muito uma amizade, então a gente que já é um pouco mais velhos, eu acho que a gente já consegue ter mais essa relação um pouco mais de amizade entre os conselheiros do que as crianças e os adolescentes que não conseguem na minha visão, então eles vêm mais como a pessoa que vai mandar você e arrumar a sua cama se ele vai mandar você subir se você tiver alguma dúvida, você pode falar com a pessoa, mas não até a relação mais intensa. Eu acho entre o conselheiro e o acampante.

É interessante como o grupo 3 mostra que, em acampamentos onde os conselheiros não possuem instruções diretas para serem amigos e terem relacionamentos interpessoais, a

visão dos acampantes sobre os conselheiros acaba sendo apenas de autoridade. E isso é diferente do que é apresentado pelos outros grupos, que viveram acampamentos focados na comunicação interpessoal do conselheiro de forma que a busca pela amizade acontece desde o primeiro dia, tentando criar laços de confiança entre conselheiro e acampante.

Ao se tratar da questão da responsabilidade, os participantes do primeiro grupo pontuaram que a responsabilidade do conselheiro é cuidar de seus acampantes, é prevenir possíveis acidentes. Eles também citaram a responsabilidade do conselheiro em guiá-los em um âmbito espiritual, cumprindo o objetivo do acampamento.

O segundo menino disse:

Eu também não mudaria nada, eu deixaria do jeito que tá, porque eles fazem de fato o papel deles, eles fazem devocional, isso é importante para passar a palavra de Deus para pregar e, além disso, eles têm que ter a responsabilidade de cuidar da gente, por que se não quem ia cuidar?

O terceiro menino disse:

Eu também não mudaria nada, como todos falaram já o papel dele é o principal que é passar a palavra de Deus para a gente, eu acho que isso, pelo menos com meus conselheiros até agora, todos fizeram muito bem e as coisas que não deixam fazer, por exemplo, guerra de travesseiro, trollar os outros quartos, é por segurança, porque se alguém se machuca, pode dar ruim e vai cair na responsabilidade dele e ninguém gostaria de ter tipo uma criança machucada gravemente.

No grupo 2, André e Samuel apontam como a responsabilidade do conselheiro é muito grande. Samuel diz que a maior responsabilidade de todos os envolvidos no acampamento é a do conselheiro por ser a pessoa em contato direto e constante com os acampantes. Ambos também citam a responsabilidade no âmbito espiritual de serem guias.

André falou:

Mas que tem essa responsabilidade, esse peso de realmente compartilhar do amor de Jesus e pregar para essas crianças, adolescentes, jovens, o que seja, qual for a faixa etária. Mas que possa fazer isso com excelência

Já Samuel disse:

Porque eu vejo que é uma responsabilidade muito grande. Na minha opinião é a maior responsabilidade dos acampamentos é os conselheiros porque eles estão diretamente com as crianças e adolescentes todo o tempo, então você vai ter, vai sempre ter que falar toda hora, vai aquele conselho, lembrar sempre daquele versículo para tocar as crianças, os adolescentes, mas eu acho que é um cargo de muita responsabilidade e confiança.

Rhafaela diz que sem os conselheiros o acampamento não atingiria o seu propósito. Para ela, é responsabilidade do conselheiro caminhar junto, dar o exemplo e instruir de forma que isso vai além das programações impostas pelos acampamentos.

Acho que o acampamento não atingiria seu propósito porque o conselheiro está ali para caminhar junto, para dar o exemplo, para realmente, é, ir instruindo cada passo e não só no programa no sentido de programações. Mas realmente no caminhar junto biblicamente, de dar conselhos, de ouvir histórias, de ouvir como a pessoa tem caminhado com o Senhor.

André, ao ser perguntado sobre como seria um acampamento sem conselheiros, utiliza de termos fortes, como “caos”, “loucura” e disse que “se perderia”. Ele entende que os conselheiros são vitais para o bom funcionamento do acampamento. Sem a presença dos conselheiros seria inviável a realização da atividade.

Para mim seria um caos total, eu acho que seria totalmente assim... louco mesmo, porque são grupos de pessoas que ficam no mesmo quarto, que vem de vários lugares do país, diversos tipos de personalidade, diversos tipos de experiências, várias vidas ali que se juntam e sem um conselheiro perto, sem alguém ali junto para dar a orientação do que fazer, do que vai acontecer e aconselhar ali mesmo, cara, acho que seria uma loucura, assim, enorme. E os acampantes se matariam, talvez não sei. E, sei lá, se perderia. Acho que seria um caos.”

No grupo 3, Mateus e Artur trazem percepções sobre a responsabilidade do conselheiro. Mateus menciona que grande parte da responsabilidade do conselheiro está em ser exemplo, principalmente para as pessoas novas naquele meio. Afirma que o conselheiro precisa ser essa referência não apenas nas atitudes, mas também ensinando a forma como o acampamento funciona.

Mateus falou:

Tipo assim, acho que para criança até um pouco mais fácil porque para criança, é aquele negócio de tio, né? Enfim, chama ali junto, achar maneira e aí, por exemplo, numa idade que a gente está, mas discordando aqui que seria a idade de UMP de 18 anos para cima, eu acho que dependendo pode ser às vezes até meio chato, principalmente com visitante, às vezes a pessoa vê tipo assim ‘nossa, mas esse cara está me seguindo’, é que ele está sozinho aqui, mas também, por outro lado, ele pode mostrar também que ser um exemplo. Às vezes esse visitante, que às vezes está meio separado, esse cara pode ser um exemplo. Tipo assim, que a brincadeira não necessariamente é uma coisa infantil, é uma competitividade ou até uma forma de demonstrar Cristo com meio das brincadeiras por meio dos atos, então acho que a gente depende muito dessa acessibilidade.”

Artur vê uma responsabilidade de se estar presente nas atividades e em convívio com os acampantes, sem depender da idade dos acampantes ou da proposta do acampamento.

Conversando com conselheiros vemos a importância deles, porque além de você conversar com ele sobre qualquer coisa da sua vida, é muito importante que ele

faça a questão de estar presente no quarto, participar das brincadeiras e que também esteja disposto a puxar a orelha também, então eu consigo ver claramente a importância deles, independentemente da idade ou da proposta do acampamento.

Algo que chama atenção na fala do Artur é no tocante à responsabilidade do conselheiro de “puxar a orelha” do acampante caso seja necessário. É algo muito interessante, pois Chiavenato (2014) aborda essa mesma temática quando se trata de aconselhamento.

“Na prática, a disciplina positiva substitui a punição da disciplina progressiva por sessões de aconselhamento entre funcionário e gerente. Essas sessões focalizam o que o funcionário deve aprender com os erros e iniciar um plano pessoal para fazer uma mudança positiva em seu comportamento.” - (CHIAVENATO, 2014, p.386)

No quesito da responsabilidade, foi possível perceber que o conselheiro é quem responde pelo bem-estar físico, mental e espiritual dos acampantes, colocando uma carga grande naqueles que estão exercendo tal cargo. É interessante também notar como muitos mencionaram que, com a ausência de conselheiros, o acampamento perderia seu propósito e não funcionaria. Também é importante ressaltar a questão da disciplina positiva bem executada, pois ela mostra que existe uma certa similaridade entre acampamentos organizados e empresas.

Sobre o quesito da relevância e do impacto do conselheiro durante o acampamento, o grupo 1 comentou como uma das principais ideias a questão da experiência que o conselheiro pode apresentar para o acampante. Outra questão abordada é o impacto do conselheiro na vida espiritual do acampante. O quinto menino diz que a função primária do conselheiro é ajudar os acampantes a estarem mais próximos de Cristo.

O primeiro menino disse:

Assim já é um momento bom, porque é um momento muito melhor de se abrir, né, porque tem um cara ali te entendendo e que já tem mais experiência, que pode te ajudar a resolver alguma questão, alguma coisa desse tipo.

O quinto menino disse:

Também não mudaria nada não, mas para mim a única coisa que o conselheiro deve fazer é ajudar a gente e fazer com que a gente fique mais próximo de Cristo.

O grupo 2 já trouxe algumas ideias diferentes: muitos compartilharam o pensamento de que o impacto e a relevância eram apresentados para eles através do exemplo do conselheiro, através de seus testemunhos pessoais. Samuel disse que exemplo foi fundamental para uma mudança pessoal, que as palavras sozinhas não bastavam.

Samuel disse:

Eu, como já fui acampante seu, o primeiro impacto é o exemplo da pessoa, não só na questão do falar dela, porque muitos conseguem falar, mas a questão do exemplo. Foi muito importante os conselheiros que tive, porque não só nas palavras deles, eu consegui mudar minha vida por causa do exemplo de serem cristãos de verdade, serem crentes.

Timothy disse:

O Conselheiro, ele guia muito o pessoal mais jovem, os aconselhados, também usando o exemplo e também várias situações que já ocorreram com ele, como o testemunho e o testemunho de outras pessoas. Eu também já vi vários casos de discipulado mesmo após o acampamento com o conselheiro.

Para Timothy os conselheiros possuem uma relevância muito grande no contexto de acampamento, pois são eles que irão conseguir chegar nas individualidades de cada um. Ele disse ainda que nada no acampamento iria funcionar.

É, não teria mais o momento da conversa intencional que eu acho superimportante, que é no momento que o conselheiro vai nas... individualidade de cada um e sem um conselheiro nada ia funcionar. O programa não ia funcionar direito, já que tudo é o programa.

No grupo 3, Lucas acredita que os conselheiros possuem uma relevância em estarem nos acampamentos pelas conversas e trocas de informações, mas ele defende por um outro lado que provavelmente os conselheiros possuam uma relevância maior ainda ao se tratar de idades menores como adolescentes e crianças. Yasmin cita um relato pessoal, em que uma de suas memórias mais queridas relacionada a acampamentos é graças às ações de uma conselheira que desejou ser intencional com as acampantes.

Lucas falou:

Então, o nosso caso é atualmente da mocidade. Faria a diferença porque, de fato, como a colega de grupo focal diz, é, a gente tem esse contato durante o almoço, durante conversas, né, da tarde em que a gente aprende muito de forma menos, talvez, organizada, né, de forma mais espontânea, de se sentar, conversar, a, trocar uma ideia. Isso afeta bastante e eles estarem presentes nos grupos de debate muda bastante as coisas, a opinião deles muda bastante. Agora, em acampamentos de pessoas mais novas, né, de UPA e das crianças, por exemplo, muda inteiramente a experiência do acampamento você ter um conselheiro ali, uma pessoa mais velha que está te guiando, acho que a ideia, ela é muito mais organizada de, tipo, de guiar mesmo esses adolescentes, UPJ e essas crianças é aprender e não só ficar caótica. Acho que muda completamente a experiência do acampamento ter os conselheiros.

Já *Yasmin* disse:

Pela questão do relacionamento que a gente cria com os conselheiros, pelas participações deles em atividades durante o dia, por exemplo. Uma experiência que eu tive no grupo dos adolescentes e que é uma das experiências mais especiais que eu tenho de acampamentos foi de uma conselheira que ela mesmo assim se dispôs a trabalhar dessa forma com a gente como não tinha sido trabalhado em outros acampamentos e uma das minhas memórias mais especiais assim que eu tenho de acampamentos.

Já para Artur a presença do conselheiro faz toda a diferença para o acampamento independentemente da idade dos acampantes, isso pela convivência entre acampante e conselheiro, pelas falas e instruções dele e pelo exemplo que ele dá para os acampantes, em suas palavras: “abrilhanta o acampamento como um todo”.

Na minha opinião, a presença do conselheiro nos acampamentos faz total diferença independente da idade[...] justamente porque a presença do conselho quando ele fala, é mais fácil de visualizar a questão do que ele está expondo ali, a experiência dele, a presença do texto bíblico, quando ele tá no devocional. Quando tá naquele momento de disculpado, eu acho que esse momento ele é muito importante, mas para mim mais importante, muitas vezes ou igualmente importante, é quando ele toma atitude diferente que você nunca tinha reparado, então a presença dele com exemplos e atitudes. Eu acho que abrilhanta o acampamento como um todo

Em todos os grupos focais, a presença do exemplo que o conselheiro dá para os outros foi notada como algo muito relevante, principalmente para que um dos objetivos do acampamento seja cumprido que é uma mudança pessoal dos acampantes. Muitos relataram também a relevância do conselheiro para que eles conseguissem ter mais conhecimento espiritual, que é um outro objetivo em um acampamento cristão.

Ao se tratar da comunicação do conselheiro, se ela era boa ou não, os garotos do grupo 1 falaram muito sobre os momentos chamados de “conversa intencional”, que é um momento no qual o conselheiro tem uma conversa individual com cada acampante. Nessa conversa, o conselheiro busca trazer conselhos, criar vínculos, como também tratar de questões espirituais.

Eles comentaram que, caso esses momentos de conversa intencional não existissem, o acampamento seria prejudicado, pois a comunicação entre conselheiro e acampante seria atrapalhada. Disseram também que são nesses momentos que a afinidade é construída.

O quarto menino disse:

Eu acho que não ia mudar muito no acampamento, mas ia mudar na relação do acampante com o conselheiro e para eles se comunicarem melhor e eu acho que é bom, né.

O terceiro menino disse:

Eu acho também que o acampamento em si não ia interferir muita coisa, mas para o conselheiro e para o acampante ia interferir muita coisa, porque, na minha opinião, o conselheiro e o acampante tem que ser amigos e é nesse momento que constrói afinidade, que você consegue se abrir e você consegue colocar para fora alguma coisa que você está lá dentro e não quer sair.

Eles também relataram que são nesses momentos que eles conseguem resolver alguma questão pessoal, que, se não se abrirem genuinamente, o conselheiro não será apto a ajudá-lo a fazer as coisas certas.

O primeiro menino falou:

Assim, já é um momento bom, porque é um momento muito melhor de se abrir, né, porque tem um cara ali te entendendo e que já tem mais experiência, que pode te ajudar a resolver alguma questão, alguma coisa desse tipo.

O segundo menino disse:

Eu acho muito importante, é uma parte do acampamento em que você relata as coisas que passou e que você quer melhorar e, apesar disso, às vezes, você ficar triste ou feliz e se abrir para compartilhar, você precisa falar sério para ele te ajudar a fazer o que realmente é certo.”

No grupo 2, Jordana trouxe a perspectiva de uma conselheira, ela mostrou a importância de, desde o início, informar ao acampante seus objetivos, pois isso facilita na organização para as conversas, como também para que o acampante esteja mais aberto no momento da conversa. Ela também relatou sobre ser genuíno nas suas falas, apresentar seus desejos verdadeiros de cuidar e aconselhar aquele acampante e como isso ajuda durante as conversas.

Jordana falou:

Então precisam ser momentos planejados pelo conselheiro, precisam ser momentos intencionais e eu entendo que uma forma de deixar o acampante mais seguro e você mais seguro em relação ao aconselhamento é deixar claro para seus acampantes logo no primeiro dia que você quer ter conversas intencionais com eles durante o período de acampamento, então, comunicando isso para eles, fica mais fácil de você se organizar e ele também estar aberto a esse momento. Quando você já diz o seu propósito, que com aquele conversa é cuidar dele, pastorear o coração, aconselhar biblicamente, para que ele consiga abrir seu coração em relação às lutas que tem, e, o acampante consegue ficar mais tranquilo e até se sente menos invadido no sentido de não é pego de surpresa e também o conselheiro consegue ficar mais à vontade e confortável porque ele já anunciou essa conversa, não é nada forçado.

Jordana e Samuel também abordaram questões acerca da necessidade da clareza na comunicação do conselheiro e falaram sobre momentos nos quais o conselheiro precisa se comunicar com os acampantes acerca de assuntos espirituais.

Jordana disse:

Quando ele entende que é serviço e amor que deve ser a relação, e, ele se coloca disponível e dependente de Deus, então, se ele entende que ele precisa amar e servir, e muitas vezes isso significa se sacrificar, ele vai se esforçar e se empenhar para ter uma comunicação clara, para tentar chegar no fundo do coração do acampante, fazer perguntas sábias, fazer perguntas direcionadas para tentar aconselhar mais corretamente, biblicamente, né?

Samuel falou:

Eu só queria falar que uma parte que eu vejo dos conselheiros que a falta deles ia intervir é nas pregações porque sempre na pós-pregação o conselheiro chega em você e o que você aprendeu? O que você pegou dessa pregação? O que você tem a me falar? [...] Eu acho que um acampamento sem conselheiro... talvez não alcance tantas vidas, o Espírito Santo óbvio que ia trabalhar, mas na parte do aconselhamento iria faltar muito.

No grupo 3, Mateus acredita que, em acampamentos de pelo menos 5 dias, a comunicação do conselheiro com os acampantes é facilitada, mas também ressalta que o conselheiro dar o primeiro passo contribui para que pessoas tímidas ou que teriam mais dificuldade de se abrir se sintam confortáveis para poderem conversar com o conselheiro.

Acampamento, digamos, pouco mais longo, né, de 4 a 5 dias, esse acesso vai se liberando, mais pelo fato de estar em grupo, eu acho que se essa pessoa vê as outras pessoas se abrindo ao conselheiro, as pessoas um pouco mais extravagantes, eu acho que esse formato assim facilita para o acesso, digamos, a acesso às pessoas, então acho que faz total diferença. Então acho que esse formato de grupo e o conselheiro estar aproximando em grupo, o que facilita também um acesso, assim, à galera, se o conselheiro fala ‘vamos fazer um devocional’, ‘vamos bater um papo’, ‘vamos fazer um debate’, eu acho que isso facilita muito. É a troca de ideia e, conseqüentemente, o acesso ao indivíduo, né?

Lucas e Artur abordaram a questão da intencionalidade do conselheiro em suas comunicações interpessoais. Lucas primeiro contou um relato pessoal de sua adolescência e disse que acha provável que, caso os conselheiros de sua igreja fossem mais intencionais, eles poderiam chegar a mais pessoas. Artur comenta sobre a necessidade de às vezes o conselheiro precisar provocar reação dos acampantes, como também às vezes os acampantes procuram o conselheiro antes de ele chegar até eles.

Lucas disse:

Na adolescência, já tive a experiência de que de fato ajuda mesmo ser intencional, correr atrás, porque acho que nesse, nessa época da vida, é mais difícil mesmo a gente correr atrás assim de discipulado, [...] então acho que se esses conselheiros fossem mais intencionais, eles chegariam a mais pessoas também, então eu acho que vale a tentativa. Não posso dizer que funciona ou não por experiência própria, mas eu acho que é uma tentativa válida, principalmente para alcançar essas pessoas que já não, não têm tanta essa capacidade ou não conhecem os conselhos atuais ou chegando agora estão mais tímidas e é isso.

Já *Artur* falou:

Vai ter momentos que é necessário que o conselho seja intencional, provocando uma ação, ou seja, ele vai ir até o grupo e vai buscar ter um relacionamento com eles para que, em determinado momento, eles cheguem a falar com o conselheiro e desabafar e poderem entender aquilo que eles estão vivendo. Mas vai ter momentos que já vai ter uma situação imposta e o conselheiro vai ter que usar da sua sabedoria, do seu conhecimento para reagir da maneira certa.

Ana Gabriela e Mateus argumentaram sobre a importância da intencionalidade do conselheiro. Eles comentaram sobre a importância de o conselheiro ir até o acampante e que isso demonstra zelo e cuidado do conselheiro para com aquele acampante.

Ana Gabriela disse:

Uma conversa mais intencional com alguém, o conselheiro precisa chegar nessa pessoa, eu acho que faz muita diferença porque dentro do meu ponto de vista a chance dessa pessoa querer saber mais disso é bem pequena, existe porque a pessoa vai estar exposta, né? Há muita informação sobre a Bíblia, sobre a igreja e ela pode acabar se despertando, mas para ter essa conversa mais intencional, mais evangelística, eu acho que seria mais interessante o conselheiro vir até essa pessoa.

Já Mateus falou:

O conselheiro pergunta para a pessoa ‘o que está acontecendo?’ e se a pessoa, às vezes, naquele momento, não fala, mesmo assim, não, digamos assim, entre aspas, não foi uma ação produtiva, porque eu acho que pelo fato de ele ter chegado, já mostra um cuidado e um zelo pelos acampantes. Ali mostra que eles estão realmente preocupados!

Os grupos focais discutiram muito acerca da questão da intencionalidade do conselheiro e de como é necessário que essa busca pela comunicação interpessoal venha dos conselheiros. Eles também abordaram bastante a questão de que a comunicação interpessoal mostra ao acampante que o conselheiro se importa com ele, está realmente preocupado e deseja cuidar dele.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou fazer uma análise acerca do impacto da comunicação interpessoal dos conselheiros em acampamentos cristãos. Para isso foi utilizado como metodologia de pesquisa os grupos focais, que serviram para captar as percepções de diversos grupos sobre o assunto. A pesquisa destaca a importância crítica da comunicação eficiente dentro do contexto apresentado, destacando que uma comunicação interpessoal bem executada transforma a experiência dos acampantes, especialmente nos quesitos de crescimento espiritual e de conexão com valores cristãos promovidos pelo acampamento.

Os objetivos estabelecidos foram evidenciar a comunicação organizacional de instituições que realizam acampamentos cristãos, como também destacar a relevância dos conselheiros e eles foram atingidos ao longo de toda a pesquisa. O estudo, de igual modo, enfatizou a comunicação interpessoal para as organizações como uma forma de aprimoramento do ambiente de trabalho, contribuindo para que organizações religiosas ou não se inspirem e possam aperfeiçoar seus trabalhos com adolescentes.

Os resultados indicam que os conselheiros efetuam um papel fundamental não apenas na orientação de questões espirituais dos acampantes, mas também na criação e manutenção de um ambiente transformador, saudável e acolhedor, no qual os acampantes podem desenvolver laços interpessoais profundos e crescer espiritualmente. Assim, esta pesquisa reafirma a necessidade de que a comunicação interpessoal seja mais valorizada, ensinada e aprimorada em acampamentos cristãos, para que esses eventos possam continuar a impactar positivamente a vida de jovens, adolescentes e crianças de diversos contextos sociais.

É de igual modo importante relatar como esse estudo possibilitou perceber uma grande similaridade entre acampamentos cristãos e organizações. O estudo traz para a área acadêmica e para o mercado de trabalho aplicações valiosíssimas para que os ambientes de trabalho possam ser aprimorados, melhorando os relacionamentos interpessoais.

Por fim, o presente trabalho contribui para que a relevância de acampamentos cristãos seja reconhecida como espaços de importante formação pessoal e espiritual, ressaltando a centralidade da comunicação interpessoal para efetividade de tais objetivos durante o evento. Espera-se que as percepções, análises e conclusões possam servir de base para outras pesquisas e práticas para o desenvolvimento de acampamentos cristãos e de outros eventos culturais religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAC. Associação Brasileira de Retiros e Acampamentos Cristãos. [s.d.], Página inicial. Disponível em: < <https://www.abrac-cci.com.br/sobre>>. Acesso em: 18 de agosto de 2024.

ALEGSAONLINE.COM. AlegsaOnline.com. 26 jan. 2021, Página inicial. Disponível em: < https://pt.alegsaonline.com/art/88420#google_vignette>. Acesso em: 17 de ago. 2024.

ALBERT, Daniel. What do you mean by organizational structure? Acknowledging and harmonizing differences and commonalities in three prominent perspectives. Journal of Organization Design. Volume 13. P1-11, 2023

BALL, Armand B.; BALL, Berverly H. **Basic Camp Management – An Introduction to Camp Administration**. Martinsville, Indiana, U.S.A.: American Camping Association, Inc. 1979.

BADKE, Jim. **The Christian camp counselor**. Crofton, Canada: Qwanoes Publishing, 1998.

BETHANIA. Comunidade Bethânia. 10 out. 2018, Página inicial. Disponível em: < <https://www.bethania.com.br/blog/espiritualidade/a-importancia-de-um-retiro-espiritual-6>>. Acesso em: 14 de ago. 2024

BÍBLIA. Português. **Gênesis. Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1990. 896 páginas.

BÍBLIA. Português. **Levíticos. Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1990. 896 páginas.

BRITANNICA. Britannica. 22 jul. 2024, Página inicial. Disponível em: < <https://www.britannica.com/topic/temperance-movement>> . Acesso em: 17 ago. 2024.

BRITANNICA. Britannica. [s.d.], Página inicial. Disponível em: <<https://www.britannica.com/technology/tent>> . Acesso em: 15 ago. 2024.

BRITISH MUSUEM. British Musuem. c14/09/2017, Página inicial. Disponível em: < <https://www.britishmuseum.org/blog/introducing-scythians>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CARDINAL CREATIONS. Cardinal Creations. C2023, Página inicial. Disponível em: < <https://www.cardinal-creations.com/classes/pavilion-class>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CHIAVENATO, Idalberto, **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Barueri, SP: Manole, 2014.

EMLET, Michael R. **Crosstalk: Where Life and Scripture Meet**. 728 W. Davis Street - Burlington USA, New Geowth Press, 2009.

FAUSTO, Boris, **História do Brasil**. São Paulo, SP Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FISHER, B. Aubrey; ADAMS, Katherine L. **Interpersonal Communication: Pragmatics of Human Relationships**. Nova Iorque, Nova York, U.S.A.: McGraw Hill, 1994.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Líber Livro Editora Ltda., 2005.

JOSEFO, F. **História dos Hebreus: Obra Completa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2015. *Antiguidades Judaicas*, publicada em grego.

KRAUS, Richard G.; SCANLIN, Margery M. **Introduction to camp Counseling**. New Jersey, EUA: Prentice-Hall, Inc., 1983.

KNIGHTS TEMPLAR. Knights Templar. [s.d.], Página inicial. Disponível em: < <https://knightstemplar.co/a-day-in-the-life-daily-routines-of-medieval-monks/> >. Acesso em: 15 ago. 2024.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rocco LTDA. 1995

MASON, Bernard S. 1930. **Camping and Educating** . Nova Iorque: The McCall Company.

MONGOLIAN EMPIRE. Mongolian Empire. C16/11/2023, Página inicial. Disponível em: < <https://mongolianempire.com/post/the-history-of-yurts-in-mongolia/> >. Acesso em: 15 ago. 2024.

MONGOLIAN TRAVEL & TOURS. Mongolian Travel & Tours. [s.d.], Página inicial. Disponível em: < <https://www.mongolia-travel-and-tours.com/yurt-mongolia.html> >. Acesso em 15 ago. 2024.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research** London: Sage, 1997.

MPC BRASIL. Mocidade Para Cristo Brasil. C2020, Página inicial. Disponível em: < <https://mpc.org.br/acampamento/> >. Acesso em: 18 ago. 2024.

PV. Palavra da Vida Brasil. [s.d.], Página inicial. Disponível em: < <https://palavradavida.org.br/quem-somos/> >. Acesso em: 18 ago. 2024.

PVCALDAS. Palavra da Vida Centro-Oeste. [s.d.], Página inicial. Disponível em: < <https://www.pvcaldas.com.br/historia/> >. Acesso em: 18 ago. 2024.

SCHNEIDER, Benjamin; EHRHART, Mark G.; MACEY, William H. Organizational climate and culture. *Annual Review of Psychology*, v. 64, p. 361-388, 2013.

SPURGEON, Charles H. **The Autobiography of C.H. Spurgeon Volume III & IV**. Chicago/New York/Toronto: Fleming H. Revell Company. 1809.

SUMARÉ. Centro de Estudos universitários do Sumaré. [s.d.], Página inicial. Disponível em: < <https://sumare.org.br/retiro/> >. Acesso em: 14 ago. 2024.

STALMEIJER, Renée E.; MCNAUGHTON, Nancy; VAN MOOK, Walther NKA. **Using focus groups in medical education research**: AMEE Guide No. 91. *Medical teacher*, v. 36, n. 11, p. 923-939, 2014.

THE VINTAGE NEWS. The Vintage News. c25/04/2017, Página inicial. Disponível em: <<https://www.thevintagenews.com/2017/04/25/yurts-dwellings-used-by-hun-warriors-and-the-nomadic-tribes-of-the-near-east-and-central-asia/>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

TOURISTSECRETS. Tourist secrets, c15/01/2024, Página inicial. Disponível em: <<https://www.touristsecrets.com/travel-accessories/what-was-the-nomadic-tent-made-of/>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica- Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2019.

WELCH, Edward T. **Side by Side - Walking with Others in Wisdom and Love**. Wheaton, Illinois, USA. Good News Publishers, 2015.

WELCH, Edward T. **Aconselhando uns aos outros: 8 Maneiras de cultivar relacionamentos saudáveis dentro da igreja**. Primeira edição em português. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019.

WRIGHT, Norman. **Help...I'm a Camp Counselor**. California, U.S.A., Regal Books Division G/L Publications Glandale, 1968.

ANEXOS

GRUPO 1

Primeira pergunta: “Você acha importante ter um conselheiro no acampamento?”

Primeiro menino: “Sim, porque ele que instrui a gente aqui no acampamento, falando o caminho certo, e ajuda a gente a ser cada vez mais próximo de Deus, ensinando o caminho certo.”

“Segundo menino: Sim também, é isso que o primeiro falou, só que também tem a parte da responsabilidade.”

“Terceiro menino: eu também acho que sim, porque ele nos ajuda a ficar mais próximos de Cristo, ele é responsável pela gente aqui dentro do quarto e acho que sem ele esse acampamento não existiria.”

“Quarto menino: acho que sim, mas tem que ser um cara legal e para ajudar a instruir as pessoas, se não elas não sabem aonde ir.”

“Quinto menino: eu acho que sim também, eu acho que o conselheiro serve para por ordem, ele ajuda a gente, quando a gente se machuca, ele aproxima a gente de Cristo também.”

Segunda Pergunta: Como seria o acampamento se não tivessem conselheiros?

“Primeiro menino: Eu acho que seria muito desorganizado, por exemplo: Os quartos, não tendo ninguém, seria muita bagunça, não teria horário para acordar, muita gente ia se atrasar, as crianças se organizando por si só, provavelmente não ia dar legal.”

“Segundo menino: eu também acho, se não tivesse um conselheiro, a gente poderia perder o horário, fazer coisa que não devia, às vezes até não dormir ou desrespeitar alguém.”

“Terceiro menino: eu acho que não poderia haver acampamento sem conselheiro, porque a devocional ia ficar uma bagunça, ninguém ia conseguir falar nada, a gente não ia aprender nada sobre Cristo que é o principal objetivo do acampamento e aqui no quarto ia ser uma bagunça o que o primeiro falou, ninguém ia ter hora para acordar ou para dormir e um monte de gente ia se atrasar e ia ficar uma bagunça o acampamento.”

“Quarto menino: eu acho que ia ser difícil, porque ninguém ia acordar, ninguém ia fazer as coisas, provavelmente ia se machucar e os novatos não iam saber aonde ir.”

“Quinto menino: eu acho que também ia ser uma desordem, acho que tipo ia ter gente querendo ficar dormindo até tarde, ia ter gente querendo acordar tarde, ia ter gente querendo fazer o que quisesse, falar o que quisesse e não iam pensar muito e o principal objetivo do acampamento não ia ser cumprido.”

Terceira Pergunta: O que você acha daquele momento que o conselheiro tem uma conversa individual com você? Você já teve isso em outros acampamentos?

“Primeiro menino: assim já é um momento bom, porque é um momento muito melhor de se abrir, né, porque tem um cara ali te entendendo e que já tem mais experiência que pode te ajudar a resolver alguma questão, alguma coisa desse tipo.”

“Segundo menino: eu acho muito importante, é uma parte do acampamento em que você relata as coisas que passou e que você quer melhorar e apesar disso às vezes você ficar triste ou feliz e se abrir para compartilhar, você precisa falar sério para ele te ajudar a fazer o que realmente é certo.”

“Terceiro menino: É realmente bom, é muito confortável abrir suas questões com uma pessoa mais velha como o primeiro disse, e você vê que você realmente tem um amigo ali, é um amigo que sabe o que fazer, que provavelmente já passou por isso e que tem experiência.”

“Quarto menino: eu acho legal, porque vai ajudar você, se tiver tendo alguma coisa, aconteceu alguma coisa com um familiar seu, eu acho importante ter um momento assim.”

“Quinto menino: eu acho que é bom porque você tem uma pessoa para desabafar, sabe que ela não vai ficar zoando, você também vai ter uma pessoa para te apoiar, vai ter uma pessoa que vai orar por você e que vai te aconselhar.”

Quarta Pergunta: Então se não tivesse esses momentos de conversa você acha que ia mudar alguma coisa no acampamento?

“Primeiro menino: assim no acampamento em si não, mas para o acampante que falou muda bastante, ele fica, pelo menos eu fico bem melhor quando eu consigo me abrir e estou compartilhando as coisas que tá dentro de mim, e estão nos meus pensamentos.”

“Segundo menino: eu acho que não faria mal para o acampamento, mas acho que se não tivesse isso para pessoa que iria relatar né o que aconteceu e o que acontece com a

vida dela. Eu acho que é necessário porque às vezes a pessoa assim pode ficar se guardando, escondido e segurando para si e não é bom.”

“Terceiro menino: eu acho também, que o acampamento em si não ia interferir muita coisa, mas para o conselheiro e para o acampante ia interferir muita coisa, porque na minha opinião, o conselheiro e o acampante tem que ser amigos e é nesse momento que constrói afinidade, que você consegue se abrir e você consegue colocar para fora alguma coisa que tá lá dentro e não quer sair.”

“Quarto menino: Eu acho que não ia mudar muito no acampamento, mas ia mudar na relação do acampante com o conselheiro e para eles se comunicarem melhor e eu acho que é bom né.”

“Quinto menino: Eu acho também que no acampamento não ia mudar muita coisa, mas a relação do acampante com o conselheiro ia ficar, ia interferir em algumas coisas, tipo ele não ia saber alguns problemas, não ia ter, não ia saber orar por você e acho que é isso.”

Quinta Pergunta: alguma coisa que você mudaria nos conselheiros?

“Primeiro menino: não, para mim eles fazem principalmente o papel deles que é passar a palavra de Deus, a experiência deles para a gente, porque o resto é tipo, sei lá, não deixa fazer guerra de travesseiro, sim, mas é por preocupação assim da segurança mesmo dos acampantes, mas eu não mudaria nada.”

“Segundo menino: eu também não mudaria nada, eu deixaria do jeito que tá, porque eles fazem de fato o papel deles, eles fazem devocional, isso é importante para passar a palavra de Deus para pregar e, além disso, eles têm que ter a responsabilidade de cuidar da gente, por que se não quem ia cuidar?”

“Terceiro menino: eu também não mudaria nada, como todos falaram já o papel dele é o principal que é passar a palavra de Deus para a gente, eu acho que isso, pelo menos com meus conselheiros até agora, todos fizeram muito bem e as coisas que não deixam fazer, por exemplo, guerra de travesseiro, trollar os outros quartos, é por segurança, porque se alguém se machuca, pode dar ruim e vai cair na responsabilidade dele e ninguém gostaria de ter tipo uma criança machucada gravemente.”

“Quarto menino: É como ele falou, eu acho que eles são muito bons, eu acho que eu não mudaria nada e eu acho que é ótimo.”

“Quinto menino: Também não mudaria nada não, mas para mim a única coisa que o conselheiro deve fazer é ajudar agente e fazer com que a gente fique mais próximo de Cristo.”

GRUPO 2

Participantes:

- Jordana Reis Duarte Sales Pimenta - 23 anos
- Samuel Cunha Duarte - 18 anos
- Timothy Wutzke Krebs - 17 anos
- André Lopes Miguel Paiva - 19 anos
- Rhafaela Alves Sales - 18 anos

Primeira Pergunta: Qual é o impacto do conselheiro em um acampamento?

“Samuel Cunha Duarte: Eu como já fui acampante seu, o primeiro impacto é o exemplo da pessoa, não só na questão do falar dela, porque muitos conseguem falar, mas a questão do exemplo, foi muito importante os conselheiros que tive, porque não só nas palavras deles, eu consegui mudar minha vida por causa do exemplo de serem cristãos de verdade, serem crentes e meu último conselheiro que foi o Kauan, ele ajudou muito a gente, ele foi até no nosso acampamento, foi uma benção.”

“Timothy Wutzke Krebs: O Conselheiro, ele guia muito o pessoal mais jovem, os aconselhados, também usando o exemplo e também várias situações que já ocorreram com ele, como o testemunho e o testemunho de outras pessoas, eu também já vários casos de discipulado mesmo após o acampamento com o conselheiro.”

Segunda Pergunta: O Que vocês têm a dizer sobre os momentos das conversas intencionais?

“Jordana Reis: O momento de conversas intencionais por o acampamento se tratar de um período restrito, um período de poucos dias, né? Precisam ser momentos planejados porque geralmente os conselheiros têm muitos acampantes sobre sua responsabilidade. Então precisam ser momentos planejados pelo conselheiro, precisam ser momentos intencionais e eu entendo que uma forma de deixar o acampante mais seguro e você mais

seguro em relação ao aconselhamento é deixar claro para seus acampantes logo no primeiro dia que você quer ter conversas intencionais com eles durante o período de acampamento, então comunicando isso para eles fica mais fácil de você se organizar e ele também estar aberto a esse momento. Quando você já diz o seu propósito que com aquele conversa é cuidar dele, pastorear o coração, aconselhar biblicamente para que ele consiga abrir seu coração em relação às lutas que tem e o acampante consegue ficar mais tranquilo e até se sente menos invadido no sentido de não é pego de surpresa e também o conselheiro consegue ficar mais a vontade e confortável porque ele já anunciou essa conversa, não é nada forçado. Então seria algo planejado e claro já para o acampante.”

“André Lopes: Conversa intencional, né? Beleza. Eu acho que as conversas intencionais assim tipo cara são algo que realmente acho que muda a visão do acampante assim de certa forma. Porque é algo mais intencional, algo mais separado que o acampante vai ter ali com o seu conselheiro e tal que acho que vai confrontar mais ele. Por que eu lembro que quando eu era acampante meu conselheiro chegou até mim assim e perguntou cara para onde você vai? Você acha que vai para o seu ou inferno? E aquilo ali me pegou muito. Porque eu ia à igreja, eu frequentava a igreja, achava que fazia coisas boas, mas acho que falei que ia para o inferno. Mesmo sabendo que Cristo morreu por mim tal. Acho que são momentos muito importantes que vão marcar o acampante ali e vai realmente confrontar ele. Assim, de uma forma bem direta.”

“Jordana Reis: eu acho que é um momento também, um momento muito importante, acho que é um momento muito especial também, é algo que dá para trabalhar bastante em relação à vulnerabilidade e exposição de coração mesmo que é o que é necessário para o crescimento na vida cristã. Então o conselheiro tendo, se ele tem uma resposta positiva em relação à vulnerabilidade do acampante, ele consegue olhar para o coração e com a sabedoria bíblica tentar dar conselhos que sejam práticos para a vida e para a transformação do coração. Então é um momento focado e intencional, direcionado, individual, que gera crescimento, onde a gente pode criar vínculos, firmar vínculos, e aproximar o conselheiro e o acampante. E também conseguir tratar com mais clareza e pessoalidade pecados expostos pelo próprio acampante.”

Terceira Pergunta: para vocês como que é a comunicação do conselheiro para quem já foi, para quem é. Ela é uma comunicação que é fácil, é difícil,

“Rhafaela Alves Sales: eu acredito que. Não acredito que seja muito difícil o relacionamento do acampante e do conselheiro. Acho que é mesmo de início criar uma amizade e tentar criar um vínculo com a outra parte, né? Às vezes a gente se coloca muito numa posição super alta e acho que a gente deve realmente entender que a gente tá ali para ajudar e para ser exemplo. E para gente ser exemplo a gente precisa mostrar que a gente é parecido com eles. Então acho que criar essa conexão mesmo desde o início, essa amizade com o acampante desde o início com o acampante, é mostrar que você está realmente ali para ajudá-lo, para caminhar junto, para entender o que ele tem passado e caminhar junto mesmo, mostrar que tem uma caminhada depois dali. Não é também só aquilo que ele vai viver no acampamento. Que pode contar com você além do momento do acampamento é muito importante. Acho que é isso.”

“Jordana Reis: acho que quando o conselheiro entende que ele está ali para amar e servir o acampante... é a comunicação mais importante, mesmo que exista timidez, limitações de fé, de comunicação ou de conhecimento o conselheiro se coloca disponível. Quando ele entende que é serviço e amor que deve ser a relação e ele se coloca disponível e dependente de Deus, então se ele entende que ele precisa amar e servir e muitas vezes isso significa se sacrificar. Ele vai se esforçar e se empenhar para ter uma comunicação clara, para tentar chegar no fundo do coração do acampante, fazer perguntas sábias, fazer perguntas direcionadas para tentar aconselhar mais corretamente, biblicamente, né? E dependendo tudo isso dependendo do Senhor.”

“Samuel Cunha Duarte: e a questão como acampante a gente chega sempre meio ansioso, meio com medo, nossa, quem será que vai ser nosso conselheiro, que vai passar todo o tempo com a gente. Mas eu sempre cheguei com o pensamento, não tem que fazer amizade com ele, mas eu como acampante eu vejo que os conselheiros têm que falar a língua dos seus aconselhados. Criar um vínculo de amizade, para eles começarem a se abrir, começar a se relacionar. Eu como equipante de quarto eu vi isso no meu conselheiro, ele começando aos poucos a se entrosar com os meninos e aí chegando mais para os últimos dias eles começam a se abrir realmente, o que tá dentro do coração deles.”

“Timothy Wutzke Krebs: é... acho que o momento mais difícil é no começo. No primeiro dia a relação entre o conselheiro e o aconselhado que é um momento meio de se conhecer. Mas vai indo mais para o meio do acampamento, já vai melhorando e acho que cria um vínculo muito forte por ser um relacionamento meio que de confiança e muito

intenso e em pouco tempo. Q pode criar um vínculo para bastante tempo. Por exemplo, lembro de vários meus conselheiros de forma positiva. É isso.”

Quarta Pergunta: vocês falassem um pouco da experiência de como é ser conselheiro ou talvez da expectativa de talvez ser, que ela fica durante o treinamento.

“Rhafaela Alves Sales: acredito que no início seja algo que pega um pouco de surpresa e deixa a gente um pouco nervoso. Então acho que a gente nunca tá realmente extremamente preparado para isso. Mais eu acho que a experiência no aconselhamento, é realmente uma experiência de dependência no Senhor, daí a gente aprender a ser fortalecido no Senhor porque por nos mesmo a gente não conseguiria... é ter todas as conversas intencionais com todo mundo, a gente não conseguiria amar todo mundo já de início. Porque são poucos dias de acampamento e já amar assim desde início é uma coisa realmente que é o Senhor quem capacita. Então é o Senhor quem dá esse amor para nós e acho que a minha experiência como conselheira foi de dependência no Senhor mesmo. De aprender que eu só conseguiria fazer todas as coisas que eu precisava fazer durante a semana de acampamento... é se eu tivesse realmente confiante no Senhor, dependendo colocando minhas forças no Senhor.”

“André Lopes: a expectativa sempre tem, né? Quando a primeira vez que fui conselheiro, eu lembro que antes de eu fazer a inscrição para virar equipe eu não queria ir para o aconselhamento. Era um dos setores que eu não queria ir, então quando eu não lembro quem. Acho que o Saulo que era o chefe da equipe na época e foi falar os setores. Ele falou que eu ia para o aconselhamento e meu coração começou a ficar bem nervoso e temendo mesmo, né? Porque eu tinha muito medo de errar e não saber falar com os acampantes, não saber compartilhar do evangelho com os acampantes. Mas a partir do momento que eu, a semana começou tudo parece que mudou assim... o Senhor parece que trabalha mesmo no coração e eu fui realmente desafiado, mas foi um setor assim que até hoje para mim é o melhor setor que é o aconselhamento. Eu aprendi a amar assim.

É uma experiência muito boa porque você tem um contato direto com outras vidas que você pode influenciar, uma responsabilidade muito grande. Mas que é um privilégio e um prazer enorme fazer parte desse time de conselheiros e fazer parte dessa galera. Eu acho que para mim é um setor que tá tipo brincando com eles, tá lá se divertindo e tal. Mas que tem essa responsabilidade, esse peso de realmente compartilhar do amor de Jesus e pregar para essas crianças, adolescentes, jovens, o que seja, qual for a faixa etária. Mas que ahhh

possa fazer isso com excelência e lembro que tava com muito medo disso. De não conseguir e tal, mas que a partir do momento que as semanas foram passando, os dias foram passando, ahhh eu pude experimentar muitas coisas legais e muitas coisas boas.”

“Samuel Cunha Duarte: é... vou falar sobre a questão da expectativa de ser conselheiro. Eu com a minha primeira vez como equipando para falar bem a verdade eu estava com medo de cair no aconselhamento. Porque eu vejo que é uma responsabilidade muito grande. Na minha opinião é a maior responsabilidade dos acampamentos é os conselheiros porque eles estão diretamente com as crianças e adolescentes todo o tempo então você vai ter, vai sempre ter que falar toda hora, vai aquele conselho, lembrar sempre daquele versículo para tocar as crianças, os adolescentes. Eu mesmo não me vejo preparado agora para ser conselheiro, mas eu acho que é um cargo de muita responsabilidade e confiança. Eu quero muito ser, um dia, eu acho muito ahhh muito massa os conselheiros porque eles sempre estão com os acampantes toda hora, sempre tocam com o coração dos acampantes. Eu mesmo lembro de todos os conselheiros que já tive, coisas boas, mantenho o contato com eles e é muito bom.”

Quinta Pergunta: é como seria um acampamento sem a área do aconselhamento, sem os conselheiros.

“André Lopes: para mim seria um caos total, até porque as crianças que vem para o acampamento são loucos, mas cara eu acho que seria totalmente assim... louco mesmo, porque são grupos de pessoas que ficam no mesmo quarto, que vem de vários lugares do país, diversos tipos de personalidade, diversos tipos de experiências, várias vidas ali que se juntam e sem um conselheiro perto, sem alguém ali junto para dar a orientação do que fazer, do que vai acontecer, e aconselhar ali mesmo. Cara, acha que seria uma loucura assim enorme. E os acampantes se matariam, talvez não sei. E sei lá se perderia, tal não sei. Acho que seria um caos.”

“Timothy Wutzke Krebs: acho que um acampamento sem os conselheiros, não seria mais um acampamento do Palavra da Vida porque seria só mais um acampamento normal. É não teria mais o momento da conversa intencional que eu acho super importante, que é no momento que o conselheiro vai nas... individualidade de cada um e sem um conselheiro nada ia funcionar. O programa não ia funcionar direito, já que tudo é o programa.”

“Samuel Cunha Duarte: eu só queria falar que uma parte que eu vejo dos conselheiros que a falta deles ia intervir é nas pregações porque sempre na pós-pregação o conselheiro chega em você e que você aprendeu, que você pegou dessa pregação, que você tem a me falar. Eu acho que isso é muito importante porque você presta atenção na pregação para quando seu conselheiro perguntar você saber explicar, saber responder. Eu acho que um acampamento sem conselheiro... talvez não alcance tantas vidas, o Espírito Santo obvio que ia trabalhar, mas na parte do aconselhamento iria faltar muito.”

“Rhafaela Alves Sales: acho que o acampamento não atingiria seu proposito porque o conselheiro está ali para caminhar junto, para dar o exemplo para realmente é ir instruindo cada passo e não só no programa no sentido de programações. Mas realmente no caminhar junto biblicamente, de dar conselhos, de ouvir histórias, de ouvir como a pessoa tem caminhado com o Senhor. Para que ela possa ser aconselhada biblicamente de maneira que faça que ela se pareça mais com Cristo. Então esse estar junto, andar junto, ser exemplo na vida mesmo é muito essencial e não teria o propósito máximo do acampamento atingido se não tivesse o conselheiro.”

GRUPO 3

Participantes:

- Lucas Braun - 22 anos
- Artur Soares Rocha - 21 anos
- Ana Gabriela Barreiros Cordeiro - 21 anos
- Yasmin Rossini Raimundo - 21 anos
- Mateus Ramos Bitar - 20 anos

Primeira Pergunta: o que vocês acham dessa ideia de ter um conselheiro durante o acampamento ajudou o acampante.

“Yasmin: eu acho que variam, eu acho que não, não se adequa a todas as idades, por exemplo, na idade da mocidade de 18 a 30 anos, eu acho que é mais complicado, é porque os conselheiros, né, pelo menos na nossa igreja não às vezes não ficam o acampamento inteiro e. Eu acho que seria difícil acompanhar os quartos até porque a gente

já tem uma autonomia muito maior, né nessa. Nessa faixa etária e os acampamentos da mocidade, na UPA, acho que seria algo interessante.”

“Artur: eu penso que os conselheiros, eles são para, digamos, assim dos 1 ano a 5 anos, na verdade, até os 30 anos sendo o período no caso assim que a gente fica do mini, né até a mocidade, e eu consigo ver os proveitos que eu já participei, conversando com conselheiros ver a importância deles, porque além de você conversar com ele sobre qualquer coisa da sua vida. É muito importante que ele faça, ele faça a questão de estar presente no quarto, participar das brincadeiras e que também esteja disposto a puxar a orelha também, então eu consigo ver claramente a importância deles, independente do da idade ou da proposta do acampamento.”

“Lucas: eu já, tive uma experiência de ter esse tipo de conselheiros, né? Vivendo também acampamento lá em Belo Horizonte, nos acampamentos de Belo Horizonte da UPA, tinham jovens que estavam lá em cada quarto tinha. Sei lá 2 e eu acho que eu concordo no sentido de que eu não sei como jovem adulto, não sei se eu me sentiria. Tão afetado por um conselheiro dessa forma como na UPA, eu estaria e fui no meu caso.”

“Mateus: eu acho que eu concordo com o Artur que ele falou sobre que cabe sim todas as idades, mas eu acho que depende muito do conselheiro e da sensibilidade dele ou se adequar ou se selecionado ou não, né? Depende enfim do perfil do conselheiro e como ele vai saber é se adaptar com a sorte de detalhes então. Tipo assim acho que para criança eu acho que até um pouco mais fácil porque pô criança negócio de tio né? Enfim chama ali junto, achar maneiro e tals e aí, por exemplo, numa idade que a gente tá, mas discordando aqui que seria a idade de UMP de 18 anos para cima eu acho que tipo assim dependendo pode ser às vezes até meio chato, principalmente com visitante, às vezes a pessoa vê tipo assim nossa, mas esse cara tá me seguindo é que ele tá sozinho aqui, mas também, por outro lado, ele pode mostrar também que ser um exemplo tipo assim que às vezes pô esse. Visitante, que às vezes tá meio separado, esse cara pode ser um exemplo tipo assim que a brincadeira não necessariamente é uma coisa infantil, é uma competitividade ou até uma forma de demonstrar Cristo com meio das brincadeiras por meio dos atos, então acho que tipo assim a gente depende muito de Acessibilidade. Claro que o. Acampante, tem que estar exposto, né? Acho que nada é obrigado. Mas o conselheiro ele tem? Tem que ter sensibilidade de conseguir mostrar isso e mostrar que ele também não é um tio ali porque os jovens adultos não querem ter tio, não querem ter o responsável, mas que ele é um acampante mais velho. Mais sábio que a gente pode contar, pode se espelhar nele e pode aprender mais.”

“Ana Gabriela: eu acho, não sei quem foi que falou que quando é mais novo tem mais essa relação com o conselheiro, mas eu acho que eu acho o contrário. Eu acho que criança e adolescente têm mais a noção de como se fosse mais só uma autoridade, muito uma amizade mesmo que você poderia ter qualquer conselheiro, então a gente que já é um pouco mais velhos, mais jovens, eu acho que a gente já consegue ter mais essa relação um pouco mais de amizade entre os conselheiros que as crianças e os adolescentes que não conseguem na minha visão. Então tipo eles veem mais como a pessoa que vai mandar você ir arrumar a sua cama, se ele vai mandar você subir, se você tiver alguma dúvida. Você pode falar com a pessoa, mas não até a relação mais intensa. Eu acho de entre o conselheiro e o acampante-”

“Yasmin: mas uma coisa que assim eu percebo mesmo que na nossa igreja não seja tipo enraizado isso e realmente tipo colocado assim olha vocês vão ter cada quarto um conselheiro e o conselheiro vai acompanhar vocês, é muito comum a gente ver com os conselheiros que ficam que sempre eles almoçando com a gente a. Gente conversando a gente vê pessoas separadas assim conversando com os conselheiros e a gente realmente cria mais uma relação de amizade, né nessa pelo menos na mocidade, eu venho tipo a gente fica bem mais. A gente fica mais próximo deles, não necessariamente nessa questão deles acompanharem, assim é individualmente, né? Cada pessoa de 1 quarto, mas no geral, assim a gente acaba tendo bastante contato com eles. Eu vejo que eles buscam também, mas eu vejo muitas pessoas que a gente tá, a gente vai observando, né o ambiente, a gente vê às vezes, um conselheiro conversando com uma pessoa ou um grupo de conselheiro conversando, né com. O grupo de jovens que eu acho que é muito legal também não necessariamente, né? Você acompanha individualmente, né? Assim, né, principalmente nos. Mas que é como acontece, mas no geral assim a gente já cria uma relação assim mais próxima mesmo de amizade, né e comunhão assim com eles e isso é a gente é mais comum ver na mocidade do que nas outras faixas etárias, né para uma Bibi que falou.”

“Mateus: é, eu acho que um ponto interessante que a gente tá falando tipo assim se é cabível ou não, e tira um pouco essa quantidade de jovens adultos. Eu queria trazer um contraste que a gente aqui. Acho que no geral, a gente teve uma equipe de conselhos muito boa na upa de 14 a 18 anos assim, uma equipe bem presente, uma equipe que era referência a exemplo. E tipo assim também não era chato, né tipo assim pô tia no saco era um exemplos mesmo e eu queria prazer em contraste com tipo assim um e outras partes outras gerações, é a falta disso entendeu, é uma falta de pessoas não necessariamente tios, mas pessoas que estejam realmente ali dizendo e mais próximas mesmo para contar ou para a pessoa mesmo

contar histórias, enfim, então acho que esse contraste e eu falo isso também com alguém que não foi conselheiro, mas que teve uma experiência próxima de um conselheiro. É só um acampamento, né, mas a gente teve o amigo nosso também que foi conselheiro eu estava no quarto dele tipo, assim a gente conseguiu ver a diferença. Dessa experiência, que teve na vida dos meninos.”

Segunda Pergunta: Pensando-se na ideia de você ir acampamento de vocês entendem o acampamento qual diferença faria ter não ter os conselheiros de presentes? Faria diferença não faz a diferença.

“Lucas: faria, no nosso caso, você diz o, em geral? Ah não com certeza faria, então o nosso caso é atualmente da mocidade faria a diferença porque de fato como a colega de grupo focal diz é a gente tem esse contato durante o almoço durante conversas. Né, da tarde em que a gente aprende muito de forma menos talvez organizada, né, de forma mais espontânea de sentar, conversar a trocar uma ideia. Isso afeta bastante e eles também tarem presentes nos grupos de debate, mudam bastante as coisas. A opinião deles muda bastante agora em acampamentos de pessoas mais novas, né de upa e das crianças, por exemplo. Muda inteiramente a experiência do acampamento, cê tem um conselheiro ali, uma pessoa mais velha que tá te guiando que acho que a ideia, ela é muito mais organizada de tipo ó guiar mesmo esses adolescentes, essa o UPJ, essas crianças é aprender e não só ficar caótica, abriu, né brincando e tal. Acho que muda completamente. A experiência do acampamento, ter os conselheiros

“Yasmin: ah, eu concordo. É tanto na questão de que na mocidade não muda assim, né, não muda, né completamente a experiência, mas com certeza mudaria, né pela questão do relacionamento que a gente cria com os conselheiros pelas participações deles em atividades durante o dia, mas pela por uma experiência que tive no grupo dos. Adolescentes é uma das experiências mais assim especiais que eu tenho de acampamentos. Foi de uma conselheira que ela mesmo assim se dispôs a trabalhar dessa forma com a gente como não tinha sido trabalhado em outros acampamentos e uma das minhas memórias mais especiais assim que eu tenho de acampamentos. Foram os momentos que a gente teve com essa conselheira e com todas as integrantes do quarto, então foram momentos muito bons, mesmo que eu sempre vou guardar assim que eu acho que fizeram total diferença e é um dos meus acampamentos assim preferidos que eu tenho senhor realmente a memória mais especial no meu coração para esses momentos que a gente passou com essa conselheira.”

“Mateus: eu acho que tipo assim se a gente foi, por exemplo, eu vou dividir por idade, acho que para criança e para mim assim acho que é essencial. Acho que é que querendo ou não são são responsáveis. Acho que isso não tem muita discussão agora da upa, né da pré-adolescência, adolescência para cima eu acho também muito importante. Porque e que nem a gente falou aqui, tipo assim a ideia não é ser tio, então é licença aqui para citar, mas inclusive um conselheiro que foi nosso da upa e ainda era uma cidade, né mudou assim junto, mas tipo assim aprender pontos de vista, diferente de como louvar a Deus ou como outras histórias. Engraçados, por exemplo, como Marcelo, então tipo assim realmente é um amigo mais experiente com histórias novas com ponto de vistas novos com muitas vezes a gente que já passou pelo que a gente passou o que a gente tá passando e eu até o que a gente vai passar, então tipo assim acho que é essencial e. Mesmo no contexto de mocidade que às vezes tem até um ego, a gente tem, a gente pode ter um ego um pouco inflado, no sentido de somos adultos e já, já passamos tudo que a gente precisava. A vida não é muito assim, né e as pessoas pelo menos esses que a gente tem. O que a gente tá tendo, né? São pessoas que tipo assim pô tem a sensibilidade, também de perceber e falar tipo assim mano, a vida não é assim em tal coisa e tem também de pontar ao lado enfim, então acho que é bem importante.”

“Ana Gabriela: outra coisa também é que eu acho que num acampamento diferente tipo a gente tem os conselheiros durante todo ano, né na nossa mocidade. Isso é que eu acho que diferente no acampamento, que é uma coisa mais intensa que a gente tinha de todos os dias por vários dias e tudo acho que a gente pode acabar. Se abrindo mais com eles e compartilhando coisas que a gente não compartilharia assim, às vezes no dia a dia, por conta de coragem ou por falta de tempo, mas que aqui a gente tem a faca é o queijo na mão, né para fazer isso e acabar tipo sem dar aconselhado por isso.”

“Artur: na minha opinião, a presença do conselheiro nos acampamentos faz total diferença independentemente da idade solicitado idades mais jovens, né em idades mais avançadas, por exemplo, entre os 18 uns 30 anos e dos 5 aos 10 tem o que faz muita diferença justamente porque a presença do conselho quando ele fala, é mais fácil de visualizar a questão do que ele está expondo ali, a experiência dele, a presença do texto bíblia, quando ele tá no devocional. Quando tá naquele momento dessituado, eu acho que esse momento ele é muito importante, mas para mim mais importante, muitas vezes ou igualmente. Importante. É quando ele toma atitude diferente que você nunca tinha reparado, então a presença dele com exemplos e atitudes. Eu acho que abrilhanta o acampamento como um

todo, porque muitas vezes a gente vai parar para fazer coisas que fizeram com a gente e coisas positivas, então acho que assim creio, né que a diferença é a. abissal, assim.”

Terceira Pergunta: Vocês acham que uma mudança onde o conselheiro ele age dessa forma chamada de intencional na busca por ter conversa por aprofundar com você muda alguma coisa?

“Mateus: eu acho que muda com certeza é e eu acho que tipo assim o formato que pelo menos a gente teve costume de fazer que é por digamos por equipe, né um conselheiro não um conselheiro por pessoa, mas conselheiro por um grupo de pessoas facilita esse acesso que eu penso tipo assim eu sempre tento pensar. No extremo para ver como seria né, então eu penso, por exemplo, no adolescente eu não até um adulto, mesmo que tá passando por dificuldades ou timidez, ou enfim não quer se abrigo, tá fechado ali no cubículo dele, então. Acho que é válido e até tipo assim querendo ou não por um num acampamento, digamos pouco mais longo, né, sei lá, 4 5 dias esse acesso vai se liberando, mas pelo fato de estar em grupo, eu acho que tipo assim se essa pessoa vê as outras pessoas se abrindo ao conselheiro e não falar com as pessoas. As pessoas um pouco mais extravagantes, eu acho que esse formato assim facilita para o acesso, digamos, assim acesso às pessoas, então acho que tu faz total diferença. Eu achei essencial até porque querendo ou não. É a função dele ali, né de ser um guia, de ser um exemplo e muitas vezes com exceções, obviamente, mas muitas vezes é se depender do acampante para tipo. Assim nossa eu quero procurar alguém para conversar comigo, acho que é meio difícil entendeu até porque a pessoa tá passando uma dificuldade ou mesmo. Não, mas tá com uma dúvida enfim, então não é todo mundo é e ainda mais para um, estranho às vezes, né para mim visitante ou alguém que não tá acostumado com a pessoa, então tipo assim não faz muito sentido, então acho que esse formato de grupo e o conselheiro tá aproximando em grupo, o que facilita também. Um acesso assim a galera, vamos fazer um devocional. Eu vou bater um papo. Vamos fazer um debate, eu acho que isso facilita muito. É a troca de ideia, assim e consequentemente, o acesso ao indivíduo, né?”

“Lucas: eu acho que tanto na infância, quanto para adolescência, na adolescência, já tive a experiência de que de fato ajuda, mesmo ser intencional corre atrás porque acho que nesse nessa época da vida é mais difícil mesmo a gente correr atrás assim de discipulado, por exemplo, né é tão adolescente. Acho que faz muito sentido. Se cê tem alguém ali muito intencional como o jovem atualmente, como é a minha? Como é o meu caso? O meu caso específico é de que funciona muito bem essa forma como a gente está fazendo aqui na nossa

igreja de ter? Conselheiros não tão intencionais, mas o que eu percebo é nós temos conselheiros maravilhosos aqui na nossa igreja e que a maioria dos jovens não usufrui do tempo deles tanto assim, né? Eu sou mais privilegiado. Sou amigo de alguns posso ter esses momentos, mas vejo que isso é uma barreira muito grande para pessoas que estão chegando agora pessoas que subiram agora da upa não tem essa experiência com esses conselheiros, então acho que se esses conselheiros fossem mais intencionais eles chegariam. Há mais pessoas também, então eu acho que vale a tentativa não posso dizer que funciona ou não por experiência própria, mas eu acho que é uma tentativa válida, principalmente para alcançar essas pessoas que já não, não tem tanta essa capacidade ou não conhece os conselhos atuais ou chegando agora estão mais tímidas e é isso.”

“Artur: no geral, eu acho que é importante a gente separar em 2 e 2 esferas, digamos, assim a da ação, e a da reação, então, por exemplo, vai ter momentos que é necessário que o conselho seja intencional provocando uma ação, ou seja, ele vai ir até o grupo e vai buscar ter um relacionamento com eles. Para que, em determinado momento, eles cheguem a falar com eles, a falar com o conselheiro e desabafar e poder entender aquilo que ele está vivendo, mas vai ter momentos que já vai ter uma situação imposta ou de conselheiro. Vai ter que usar da sua sabedoria, do seu conhecimento para reagir da maneira certa, então eu? Consigo visualizar essas 2 possibilidades.”

“Ana Gabriela: eu acho que também principalmente no ponto da do evangelismo da do ponto de vista de pessoas que não são crentes que vão precisar acalmamentos, e que elas não têm interesse nenhum, elas estão ali sabe que às vezes alguém convidou e tudo elas não estão interessem um às vezes de. Ter uma conversa mais intencional com alguém, então é tipo o conselheiro chegar nessa pessoa. Eu acho que faz muita diferença porque dentro do meu ponto de vista a chance dessa pessoa aí até alguém querer saber mais disso é bem pequena, existe porque a pessoa vai estar exposta, né? Há muita informação sobre a bíblia sobre a igreja e tal ela pode acabar se despertando, mas para ter essa conversa mais intencional, assim mesmo mais evangelística, eu acho que seria mais interessante o conselheiro vir até essa pessoa.”

“Mateus: mas mais um ponto é eu queria falar aqui também é, acho que esse acesso a essa ação do conselheiro de chegar, eu acho que é importante porque às vezes mesmo que te precisava o exemplo que eu tinha dado anteriormente, cheguei numa pessoa tímida ou que passando por algum problema, e não quer contar e eu pergunto ou não, o conselheiro pergunta para essa pessoa ah, o que tá acontecendo e tal se a pessoa às vezes

naquele momento até não fala até tipo, assim não digamos assim entre aspas não é não foi uma ação produtiva, mas eu acho que pelo fato dele ter chegado eu acho que já mostra. Um cuidado tem meu cuidado em um zelo pelos acampantes. Ali mostra que eles realmente tão preocupados mesmo.”